

BIOGRAFIA DO ESPAÇO CONSTRUÍDO

Uma tradução gráfica
da passagem do tempo
na arquitetura

~

JULIA GUIBU VANNUCCHI

Orientação: Profa. Dra. Helena Ayoub Silva

Trabalho Final de Graduação

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade de São Paulo

São Paulo 2018

O mundo não começou a mudar de repente, sempre esteve mudando e talvez não mais devagar do que hoje. Mas nossa atitude acerca da mudança se transforma; estamos aprendendo a ver, e talvez a aceitar, o universo como um processo. Vemos também diante de nós a possibilidade de mudanças inquietantes: mudanças na sociedade, na família, na mente e no corpo humano, no mundo animado e inanimado que nos rodeia. Tudo tem um futuro, no sentido de que tudo tem acontecimentos por vir; o que pode se perder é uma imagem mental coerente, que abarque todos os fatos possíveis e conecte-os ao presente. E essa perda é realmente angustiante porque trata-se de uma perda do eu.

Kevin Lynch, *What time is this place*, 1975

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Helena Ayoub, pela orientação e motivação; à Karina Leitão pela orientação metodológica; à Marina Grinover, por todas as sugestões sempre bem vindas; à Ana Castro, pela presença ao longo da graduação. Ao Gabriel Pietraroia, pelas fotografias disponibilizadas. À Denise del Giglio, pelas conversas e pelo material sobre a Bienal.

Aos amigos que acompanharam de perto todo o processo deste trabalho. À Alina, pela determinação inspiradora. Ao Bob, por sua tranquilidade. À Clara, por todas as trocas e motivações que me acompanharam até aqui. Ao Chedid, por estar sempre presente. À Fabi, pela escuta e por suas histórias. À Flora, por toda colaboração e parceria desde o começo deste trabalho. Ao Juca, pelas observações gentis e incentivo. À Lu, pelo acolhimento e pela sinceridade indispensável. À Midori, pela constante renovação. À Natália, por nossos projetos pro futuro. Ao Otávio, por ser um exemplo de pessoa e pesquisador.

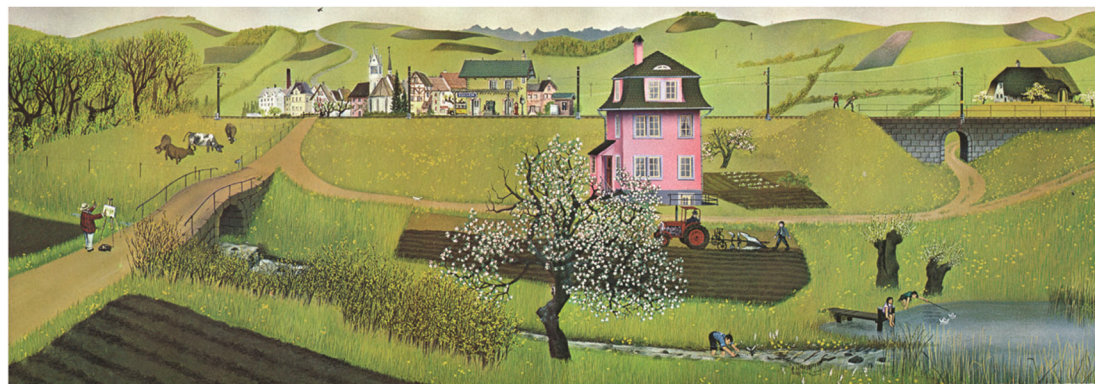
À Barbara Camucce, Beatriz Sombra, Calixto Comporte, Deborah Caseiro, Eduardo Radomysler, Elisa Bloch, Guilherme Messias, Julio Pitol, Lucas Meirelles, Lucas Sanderville, Malu Cardoso, Matheus Perelmutter, Olivia Tameirão, Pedro Fortunato, e todos os amigos que ajudaram a construir o que a FAU significa para mim.

Ao Gabriel, por ontem e por hoje.

À Sophia, por nossa amizade transatlântica.

Aos arquitetos que tenho em casa: ao To, pelo companheirismo e risadas; aos meus pais, pelo amor, inspiração e apoio.

*The Changing
Countryside*, Jörg Müller
(Atheneum Publishers,
1977)



ÍNDICE

INTRODUÇÃO • 9

TRANSFORMAÇÃO DA ARQUITETURA • 11

ARQUITETURA DA TRANSFORMAÇÃO • 18

Ocupações no centro de São Paulo • 18

Plus: transformação como manifesto arquitetônico • 22

Espaços infinitos • 24

ANÁLISE DE UM EDIFÍCIO • 28

CONSIDERAÇÕES FINAIS • 63

APÊNDICE • 65

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS • 74

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi movido pelo interesse no potencial de transformação da arquitetura, seja em grandes projetos de intervenção em patrimônio, seja nas pequenas mudanças nos espaços do dia a dia. A percepção de que os edifícios, aparentemente estáticos, modificam-se constantemente, assim como o (ou por conta do) entorno vivo ao seu redor, conscientiza sobre como os processos de resignificação do lugar trazem complexidade à cidade.

A aproximação ao tema inevitavelmente trouxe a questão dos edifícios sub ou não utilizados no centro de São Paulo, e a carga simbólica da condição em que se encontram. No início desse estudo, realizado em colaboração com a colega Flora Bello Milanez, realizou-se uma abordagem projetual de requalificação de alguns desses edifícios para habitação social. Essa primeira etapa contribuiu para a construção de um outro olhar, proposto no presente trabalho, sobre a relevância das estruturas existentes e o valor a elas agregado, seja econômico, social ou ambiental.

A análise foi dividida em três momentos. O primeiro explora teorias que reconhecem essas modificações nas estruturas construídas, provocadas pelo tempo e pelos diferentes usos. As imagens utilizadas nessa primeira parte não estão diretamente referenciadas no texto, mas criam uma narrativa complementar aos conceitos. O segundo momento contém exemplos de lugares e projetos em que a polivalência dos espaços - ou seja, sua abertura às mudanças - é valorizada. Desse percurso, resulta o terceiro e último, no qual se busca traduzir graficamente tanto a relação incontornável dos espaços com o tempo quanto as análises anteriores sobre o edifício da Associação das Classes Laboriosas, no centro de São Paulo.

TRANSFORMAÇÃO DA ARQUITETURA

figura 01 - Vila Itororó, localizada entre os bairros da Liberdade e da Bela Vista: "Ao invés de realizar uma obra de restauro a portas fechadas, para depois inaugurar um centro cultural pronto definido por poucas pessoas, o projeto de restauro da Vila Itororó propôs a abertura do canteiro de obras desde o início do processo de restauro. A instalação de um experimento de centro cultural no meio do canteiro, existiu como uma praça pública entre abril de 2015 e março de 2018.

A ideia por trás dessa decisão consiste em revelar o próprio processo da obra e imaginar os usos futuros da Vila a partir das experimentações e debates públicos que tiveram lugar principalmente no galpão anexo à Vila Itororó." fonte: vilaitororo.org.br (Foto: Nelson Kon)



¹ KÜHL, 2004, p. 311-312.

² KÜHL, 2004, p. 318.

A teoria da restauração é um campo disciplinar que desde seu surgimento trata da influência da passagem do tempo sobre seus objetos de estudo e intervenções, que incluem obras arquitetônicas. Apesar do foco deste trabalho não ser uma análise da transformação da arquitetura sob a ótica do restauro, alguns de seus princípios não deixam de ter relevância, justamente pela precisão no trato com o passado e com o valor destas questões para o futuro. Pode-se dizer que a construção do que viria a ser essa disciplina começa no Renascimento, quando bens culturais passam a ser entendidos como fonte de identidade cultural e nacional. Desde então, seus fundamentos têm passado por inúmeras transformações e revisões, devido a questões culturais, éticas e científicas, que são o que pautam as restaurações.

É possível analisar como a concepção de valor histórico e do que é aceitável enquanto prática do restauro sofreu modificações ao longo do tempo. No século XIX, Viollet-le-Duc pregava uma "unidade de estilo", de modo que a obra "não era entendida em sua individualidade, na particularidade de seu percurso através da história, mas era vista como fazendo parte de um sistema fechado, remetendo-se a um estilo específico, idealizado."¹ Não importava, então, que fossem feitas alterações maciças na configuração presente da obra, desde que ela "retornasse" a seu suposto estado original. Já no fim do século XIX, Camillo Boito consolida princípios de respeito às diversas fases do monumento, e as correntes contemporâneas reconhecem o próprio restauro como um ato histórico-crítico sujeito a futuras revisões. A atual vertente "crítico-conservativa e criativa" entende que a restauração "assume postura conservativa, que não significa congelamento, e não prescinde, antes, propõe, quando necessário, o uso de recursos criativos (utilizados porém com respeito à obra e não em detrimento dela), necessários para tratar várias questões que em geral estão envolvidas na restauração, tais como a remoção de adições e a reintegração de lacunas."²

Apesar de não ser possível tratar qualquer edifício como bem cultural a ser preservado segundo os princípios da restauração, a consciência do respeito à obra ao longo do seu tempo de existência, e de que as intervenções realizadas no presente também estarão sujeitas a modificações no futuro, é uma postura a ser considerada em qualquer reforma ou projeto.

Uma leitura mais ampla, que atenta para toda arquitetura como matéria em constante transformação, está presente no livro *How Buildings Learn* [Como

³ BRAND, 1994, p.2.

⁴ BRAND, 1994, p. 10.

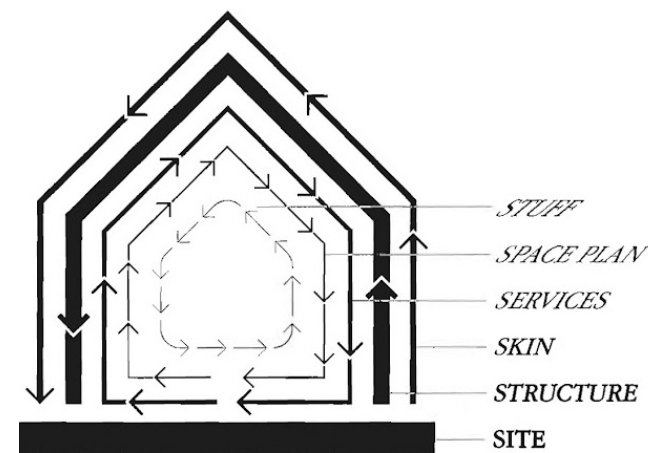
⁵ LYNCH, 1975, p. 84.

edifícios aprendem] de Stewart Brand, publicado em 1994. Nele, Brand busca dissociar arquitetura do conceito de permanência, e analisa o que acontece com os edifícios ao longo do tempo: “Desde os primeiros croquis até a demolição final, edifícios são moldados e remoldados por mudanças nas correntes culturais, no valor de mercado, e nos usos.”³

Ele parte da crítica à premissa moderna de Louis Sullivan “a forma sempre segue a função”, baseada na qual arquitetos do século 20 teriam construído a ilusão de uma capacidade de antecipar a função dos espaços. Para Brand, as funções que um edifício adquire ao longo de sua existência são o que modificam sua forma perpetuamente. “Existe uma regra universal – nunca reconhecida porque é embaraçosa ou ilegal. Todos os edifícios crescem. Mesmo quando não é permitido. Normas que limitam a altura das construções ou paredes divisórias de casas geminadas não são barreiras.”⁴ Em 1974, Kevin Lynch já apresentava observações semelhantes: “A forma desses receptáculos [das atividades humanas], portanto, não pode ‘seguir a função’ a menos que o uso do espaço reduza-se a um tipo de conduta única e invariável. E a atribuição dos espaços a um só uso (caso que parece constituir hoje uma tendência em seu auge) tende a ser ineficaz e leva frequentemente ao isolamento social.”⁵

Brand tipifica essas mudanças a partir do reconhecimento do edifício não como uma unidade, mas uma composição de diversas camadas de elementos construídos, cujos componentes têm diferentes graus e tempos de transformação. É o que ele chamou de “seis ‘S’s’”:

figura 02 · fonte: BRAND, 1994, p. 13.



⁶ BRAND, 1994, p. 13.

⁷ BRAND, 1994, p. 17.

⁸ KULPERS; DE JONGE, 2017, p. 33.

SITE [LUGAR] - É a posição geográfica, a localização urbana, e o lote legalmente definido, cujos limites e contexto perduram por gerações de edifícios efêmeros. O lugar é eterno.

STRUCTURE [ESTRUTURA] - Fundações e elementos estruturais que usualmente não são modificados por serem caros e arriscados. São o próprio edifício. A vida estrutural varia de 30 a 300 anos (mas poucos edifícios ultrapassam os 60, por outros motivos).

SKIN [PELE/FACHADA] - Superfícies externas que mudam de 20 em 20 anos aproximadamente, para acompanharem as modas ou tecnologias, ou devido a reformas gerais. O recente foco em custos energéticos resultou no desenvolvimento de fachadas com melhor desempenho térmico e insolação.

SERVICES [SERVIÇOS] - São os órgãos internos de um edifício: cabos de comunicação, cabos elétricos, hidráulica, sistemas contra incêndio, aquecimento, ventilação, ar condicionado, e circulação. Ficam obsoletos por volta de 7 a 15 anos. Muitos edifícios são demolidos prematuramente se for muito difícil substituir seus sistemas de serviço ultrapassados.

SPACE PLAN [PLANTA] - O layout interior – onde ficam as paredes, forros, pisos, e portas. Espaços comerciais turbulentos podem mudar a cada 3 anos aproximadamente; casas excepcionalmente tranquilas podem esperar 30 anos.

STUFF [COISAS] - cadeiras, mesas, telefones, quadros; eletrodomésticos, luminárias, escovas de cabelo; todas as coisas que movimentam-se diariamente ou mensalmente. O nome “móvel” é por um bom motivo.⁶

O autor sugere um sétimo “S” – “human Souls” (almas humanas) que poderia ser adicionado ao fim da hierarquia, como servos às coisas⁷. Wessel de Jonge e Marieke Kulpers, na publicação *Designing from Heritage*, propõem uma releitura de Brand para a abordagem filosófica e didática do departamento Heritage and Architecture da Universidade de Delft, na Holanda: para eles, o sétimo ‘S’ seria “Spirit of a place” (espírito do lugar), incluindo as características intangíveis de um lugar, normalmente invisíveis, mas ainda possíveis de serem sentidas e descritas.⁸

figura 03 · Boros Collection, galeria de arte de Berlim localizada, desde 2007, em um antigo bunker da Segunda Guerra Mundial. O bunker já foi utilizado como armazém de tecidos em 1949, como depósito de frutas tropicais em 1957, e para festas de música techno por volta de 1992. (Foto: Richard Salkeld)



⁹ BRAND, 1994, p. 17.

Cada camada também indica como o edifício se relaciona com os diferentes atores envolvidos⁹: com cada indivíduo na esfera das coisas; com o grupo de inquilinos na disposição dos espaços internos; com o proprietário em relação aos serviços; com a via pública pela fachada; com toda a comunidade, que, através do código de obras e do zoneamento, determina a estrutura e a ocupação do lote.

O estudo sensibiliza o olhar para essas transformações antes “invisíveis”, e, ao mesmo tempo em que relativiza a participação dos arquitetos na produção desses espaços, não deixa de instigar novas formas de projetar.

Kevin Lynch em *What time is this place?* [Que tempo é este lugar?] identifica a influência que o entorno físico exerce na construção individual de uma imagem do tempo, e suas observações sugerem maneiras com que um projeto pode contribuir nessa elaboração:

As velhas estruturas podem ser eliminadas sempre que não sejam capazes de suportar as funções atuais sem prejudicá-las, a não ser que apresentem um valor didático ou estético excepcional; contudo, nesses casos é possível utilizar seus fragmentos para fortalecer novos edifícios. Por isso, não é preciso que nos preocupemos excessivamente com a conformidade perfeita da forma passada, mas sim buscar um uso para os restos que fortaleça a complexidade e o significado do cenário atual. O contraste entre o velho e o novo, a concentração acumulada dos elementos mais significativos das diversas épocas passadas, mesmo que sejam só lembretes fragmentados das mesmas, produzirá, com o tempo, uma paisagem cuja profundidade nenhum período pode igualar, embora essas zonas de profundidade temporal só sejam possíveis em certas zonas da cidade. O objetivo estético é incrementar o contraste e a complexidade para visualizar o processo

figura 04 · Koolhaas sobre o Hermitage, museu em São Petersburgo que ocupa o palácio onde residiam os czares: “Se você observar o Hermitage, o que era único era a condição a que as obras estavam expostas: a pintura era imperfeita; não havia ar condicionado. Você olhava através da janela, para fora; não havia controle de luminosidade, havia completa exposição. Mas a experiência de olhar e estar lá era extremamente potente. O *Quadrado negro* de Malevich, talvez um dos mais importantes quadros do século 20, está pendurado sob proteção mínima, e entre duas cortinas excêntricas. Mas mesmo assim a intensidade da experiência era empolgante, e cada vez mais ausente nos museus que estavam se preparando para o século 21.” KOOLHAAS, 2014, p. 25. (Foto: OMA)



*de transformação. A realização desse objetivo requer uma demolição criativa e hábil, assim como um novo desenho competente.*¹⁰

A utilização de fragmentos do passado para a construção do presente dialoga com o conceito de presente histórico proposto por Lina Bo Bardi: o entendimento dos significados do passado é o que permite a análise sobre o que dele irá servir ao contexto atual. “O passado, visto como presente histórico, é ainda vivo, é um presente que ajuda evitar as várias arapucas. Diante do presente histórico, nossa tarefa é forjar um outro presente, ‘verdadeiro’, e para isso é necessário não um conhecimento profundo de especialista, mas uma capacidade de entender historicamente o passado (...)”¹¹

Ao buscar exemplos na arquitetura de reconhecimento e abertura às constantes transformações dos espaços, é possível estabelecer duas categorias: onde os usos protagonizam a apropriação do lugar, normalmente explorando locais abandonados ou negligenciados; e projetos que já representam uma tentativa de tradução dessa polivalência e espontaneidade para o fazer arquitetônico.

Alguns casos pertencentes à primeira situação encaixam-se na definição *Low Road* feita por Stewart Brand: edifícios em que “ninguém liga para o que você faz lá dentro”¹². Caracterizam-se como espaços sem um uso específico e que, por serem relativamente genéricos, dão mais liberdade aos usuários para realizarem interferências.

O que qualifica esses lugares não é uma questão de desenho, de beleza ou mesmo de conforto térmico, pelo contrário. É a indeterminação do projeto que autoriza as pessoas a fazerem uso da maneira que lhes for mais conveniente. “A chuva entra um pouco no edifício. Você sente os cheiros, e as sensações provocadas pelas estações. O clima invade o espaço. O tipo de

¹³ BRAND, 1994, p. 33.

¹⁴ BRAND, 1994, p. 212.

¹⁵ BRAND, 1994, p. 191-192.

¹⁶ BRAND, 1994, p. 192.

¹⁷ HERTZBERGER, 1996, p. 146.

invasão que condenaríamos em um edifício novo e culparíamos o arquiteto, mas que em uma construção velha e maltratada – projetada para algum outro uso, afinal – não temos a quem culpar.”¹³ De forma contraditória, espaços erguidos provisoriamente para abrigar projetos temporários às vezes duram mais do que grandes edifícios construídos com um propósito muito definido, já que muitas vezes essa especificidade é rígida demais para se adequar a qualquer mudança de programa.

Brand constrói uma visão idealizada na qual a improvisação, vista como regra, proporciona aos próprios usuários do espaço uma sensação de satisfação ao transformá-lo. Em suas próprias palavras, *How Buildings Learn* “é essencialmente teórico – sobre voltar a arquitetura à estratégia operacional, distanciá-la da interpretação estilística, e sobre uma imersão nos efeitos e usos do tempo, anteriormente ignorados.”¹⁴ Entretanto, parte das reflexões por ele desenvolvidas para atingir esse objetivo revelam-se bastante unilaterais, atribuindo a inovação exclusivamente aos usos, e nunca ao exercício da arquitetura: “Qualquer estilo muito contemporâneo perde valor a partir do momento em que é construído, e normalmente desafia o bom senso, uma vez que nunca foi testado”¹⁵ ou, também, “a única configuração de espaço que se desenvolve bem, permite boa subdivisão, e é realmente eficiente ao uso é o retângulo.”¹⁶ Nesse sentido, a postura defendida por Brand encaixa-se na definição de flexibilidade dada por Herman Hertzberger:

*Flexibilidade significa – já que não há uma solução única que seja preferível a todas as outras – a negação absoluta de um ponto de vista fixo, definido. O plano flexível tem seu ponto de partida na certeza de que a solução correta não existe, já que o problema que requer solução está num estado permanente de fluxo, i.e., é sempre temporário. A flexibilidade parece inerente à relatividade, mas, na verdade, está ligada apenas à incerteza, à falta de coragem em nos comprometermos e portanto à recusa da responsabilidade inevitavelmente ligada a cada ação que empreendemos. Embora uma formulação flexível adapte-se a cada mudança que surja, não pode ser nunca a melhor e mais adequada solução para nenhum problema; pode fornecer qualquer solução em qualquer momento, mas nunca a melhor solução. A flexibilidade representa, portanto, o conjunto de todas as soluções inadequadas para um problema.*¹⁷

figura 05 • No Centro Cultural São Paulo (CCSP), o reflexo nas portas envidraçadas propiciou a utilização espontânea de parte da circulação como local de ensaio por grupos de dança, prática agora reconhecida pela instituição.
(Foto: Carlos Rennó)



¹⁸ HERTZBERGER, 1996, p. 149.

¹⁹ HERTZBERGER, 1996, p. 147.

²⁰ O ato de projetar, entretanto, não possui fórmula pronta: o próprio Hertzberger idealizou um edifício, o Ministério do Trabalho em Haia (1979-90), que em menos de 30 anos foi considerado inadequado às suas funções. Atualmente, o prédio foi vendido a incorporadores privados e provavelmente será demolido.

Fonte: < <https://bit.ly/2AN7EpQ> >. Acesso em 02 dez. 2018.

Hertzberger publica *Lições de arquitetura* em 1991, próximo da publicação de *How buildings learn*, apesar de desde 1963 já refletir sobre esses mesmos princípios.¹⁸ Assim como Brand, Hertzberger parte da crítica à arquitetura funcionalista, cuja extrema especificação, segundo ele, não resistiu ao tempo, pois muitas de suas soluções rapidamente tornavam-se obsoletas. Entretanto, sua alternativa projetual é outra:

*A única abordagem construtiva para uma situação que está sujeita à mudança é uma forma que parta da própria mudança como fator permanente – isto é, como um dado essencialmente estático: uma forma que seja polivalente. Em outras palavras, uma forma que se preste a diversos usos sem que ela própria tenha de sofrer mudanças, de maneira que uma flexibilidade mínima possa produzir uma solução ótima.*¹⁹

A diferença na concepção de cada autor sobre o papel da arquitetura pode estar relacionada ao fato de Brand não ser arquiteto. Formado em biologia, seu interesse por arquitetura fez com que dedicasse 4 anos à escrita do livro. Isso não desqualifica as questões que *How buildings learn* levanta, pelo contrário: talvez tenha sido justamente o fato de ter estudado biologia que possibilitou enxergar os edifícios quase como seres vivos em constante transformação.

Hertzberger, como arquiteto, propõe que os projetos consigam acolher modificações em função dos usos que a eles sejam atribuídos, mas que esse acolhimento não signifique uma perda de identidade. A arquitetura almejada não é a arquitetura genérica, mas aquela que convida os usuários a intervirem nela, numa transformação que reforce e transforme a identidade dessas pessoas e, conseqüentemente, a do próprio edifício.²⁰

ARQUITETURA DA TRANSFORMAÇÃO

²¹ Plano Municipal de Habitação (PMH), 2016, p. 44.

²² FURTADO, 2018.

Os exemplos aqui apresentados apontam para edifícios ou práticas que dialoguem com a renovação constante da arquitetura. As diferenças no contexto, e no caráter de cada proposta transmitem um pouco da diversidade das respostas projetuais possíveis a essa característica inescapável à existência dos espaços.

OCUPAÇÕES NO CENTRO DE SÃO PAULO. Desde 1997, movimentos sociais têm ocupado espaços edificadas vazios no centro de São Paulo como forma de denunciar a falta de moradia, e, ao mesmo tempo, reivindicar o cumprimento da função social da propriedade, prevista na Constituição de 1988 e regulamentada pelo Estatuto das Cidades em 2001. Atualmente, o déficit habitacional da cidade é superior a 368.000 unidades habitacionais²¹. Uma pesquisa realizada em 2017 pelo Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos (LabHab) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo analisou a situação do instrumento urbanístico PEUC (Parcelamento, Uso e Edificação Compulsórios), e verificou mais de 200 edifícios, apenas no centro, notificados por não cumprirem sua função social.²²

A grande quantidade de edifícios não utilizados deve-se a um complexo processo de expansão territorial da cidade, pautado pela instalação de infraestrutura em novas áreas e no investimento de capital público e privado nessas localidades. Gradualmente, o centro é abandonado pelas elites, que migram em sua maioria para o eixo sudoeste da cidade. Apesar da degradação que os espaços centrais da cidade vêm sofrendo desde a década de 1970, a forte presença de infraestrutura e empregos e a especulação imobiliária fazem com que os preços dos imóveis não sejam baixos o suficiente para abrigar a população de menor renda. Nesse contexto, proliferam-se as ocupações, realizadas por diversos movimentos que, apesar da bandeira da moradia em comum, têm regimentos e formas de organização próprios. Essa disputa simbólica de lugares históricos nas cidades é bem descrita por Lynch:

De modo bastante natural, podem existir interesses históricos fortemente divergentes sobre um mesmo lugar. O bem estar dos residentes de baixa renda em uma área 'decadente' porém histórica pode entrar em oposição direta com os desejos dos membros das classes mais abastadas que não vivem ali, mas são conscientes de seu

figura 06 • Oficina de cartazes na Ocupação 9 de Julho durante a Virada Cultural 2018.
(Foto da autora)



²³ LYNCH, 1975, p. 49.

*encanto e das conexões dessas áreas com o passado de sua própria classe. É possível que esses ricos 'forasteiros' tenham esperança de ocupar e restaurar o lugar, e que tenham recursos necessários para isso. Porém, se o fazem, a conservação histórica converte-se em mais uma máscara da 'eliminação dos pobres', uma estratégia para justificar o retorno da burguesia.*²³

A análise dos diferentes sentidos que os edifícios podem adquirir com as ocupações foi realizada com foco naquelas organizadas pelo MSTC (Movimento Sem-Teto do Centro), devido ao material disponível e à receptividade dos moradores em eventos abertos ao público realizados na Ocupação 9 de Julho. Desde o ato da ocupação, o espaço é intensamente transformado pelo movimento: a primeira ação é sempre limpar e organizar o edifício, o que pode significar a retirada de toneladas de lixo acumulado ao longo dos anos de abandono. A escolha do prédio a ser ocupado também é estratégica, pois se for um edifício habitacional ou um antigo hotel, a planta e o espaço destinados às instalações hidráulicas são mais adequados à configuração desejada, de pequenos apartamentos. Mas se a tipologia for outra, como no caso da Ocupação 9 de Julho (antiga sede do INSS), outras estratégias possibilitam a habitabilidade: o uso do fosso do elevador como shaft dos apartamentos é uma delas.

A noção de que a ocupação não existe só para denunciar o déficit habitacional está presente no próprio discurso da liderança do movimento:

Às vezes, as pessoas perguntam: 'Como é que vocês ousam reformar aquilo que não têm posse?' Nós estamos aqui para zelar. Temos



figura 07 · Ocupação 9 de Julho (MSTC)
(Imagem: StudioX)

*consciência que isso aqui não é nosso. Alguma hora será preciso negociar definitivamente ou a gente vai ter que sair. Enquanto a gente utiliza, a zeladoria é nossa obrigação.*²⁴

A transformação dos edifícios praticada pelos movimentos se dá de forma muito particular, devido a seu caráter urgente e fortemente político. Mesmo assim, é possível identificar características comuns a outros exemplos de intervenção na arquitetura inseridos no mercado “formal”. Em 2016, a ocupação do Hotel Cambridge ganhou o prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Artes) na categoria Apropriação Urbana, que foi recebido por Carmem Silva, líder do MSTC: “Com o prêmio APCA, percebi a importância da preservação da cidade para não matarmos nossa história.”²⁵

A gestão e manutenção coletivas propostas pelos movimentos de moradia por vezes envolvem arquitetos e urbanistas. Em 2014, durante a gravação do filme *Era o Hotel Cambridge* (2016), a arquiteta e diretora de arte Carla Caffé montou um coletivo com estudantes de arquitetura da Escola da Cidade para satisfazer certas demandas da ocupação para além das demandas do roteiro. Segundo uma das estudantes:

Foi interessante aprender a lidar com as frustrações. Você tem um ideal de projeto que você imagina que seria o melhor, mas quando se

²⁶ LEBOREIRO apud STUDIO X RIO et al., 2017, p. 33.

²⁷ apud STUDIO X RIO et al., 2017, p. 34.

*está cara a cara com as pessoas, aquele ideal não cabe ali. É ideal para você, mas não para o dia a dia da ocupação, do que eles realmente precisam.*²⁶

O caráter coletivo e auto organizado do movimento envolve, também, o desenvolvimento do projeto de forma participativa. Isso significa que as demandas envolvendo os arquitetos podem resultar em soluções puramente práticas, ou outras mais simbólicas, que busquem traduzir no espaço as qualidades das ocupações. A 11ª Bienal de Arquitetura de São Paulo divulgou uma publicação sobre “as alternativas habitacionais dos movimentos sociais”, que continha entrevistas com líderes dos movimentos e com os arquitetos que prestavam assessoria a eles, como Carla Caffé:

*Quando chegamos lá [no Hotel Cambridge], a oficina de costureiras era um projeto do movimento, porque elas fazem as bandeiras e as camisetas, acabam por ajudar em várias comunicações. É um espaço muito feminino. Tinha quatro máquinas de costura e uma mesa de corte, mas tinha muita sobra de tecido, era um lugar muito entulhado. E, no Cambridge, havia um espaço inóspito com problema de iluminação e mobiliário quebrado sem uso, mas tinha um pé direito majestoso e piso de taco de madeira. Levamos para lá as quatro máquinas de costura, equipamos com muitos varais, bancadas de maquiagem, iluminação, vestiário. Porém, por ser uma área de passagem e acesso à rua, há ali um problema de segurança. Embora a vontade das costureiras é que as máquinas permanecessem lá, não puderam deixar no espaço, que se tornou uma área dos eventos da ocupação. Como nós reformamos e recuperamos o piso original de tacos de madeira, acabamos por ajudar que praticassem ali capoeira. Com a nova iluminação e os equipamentos, nesse ambiente fazem brechós, umas feijoadas, uns encontros de cultos religiosos, na última vez em que estive lá estava tendo um casamento gay.*²⁷

A resignificação dos espaços é condição intrínseca às ocupações, e o caráter coletivo do cuidado do edifício pode ser apontado como exemplo daquela forma de transformação sugerida por Hertzberger, que fortalece e enriquece a identidade das pessoas e do lugar, mesmo em um contexto de negação do direito básico à moradia.

²⁸ RUBY apud DRUOT et al., 2006, p.15.

²⁹ RUBY apud DRUOT et al., 2006, p. 16.

³⁰ RUBY, apud DRUOT et al., 2006, p. 15.

PLUS: TRANSFORMAÇÃO COMO MANIFESTO ARQUITETÔNICO. Em 2004, os arquitetos franceses Frédéric Druot, Anne Lacaton e Jean-Philippe Vassal lançaram o estudo Plus, cujo o mote era “transformação como um manifesto arquitetônico”. A pesquisa foi produzida em resposta a uma política pública que propunha a demolição de edifícios construídos na periferia de Paris durante as décadas de 1960 e 1970 que, apesar de terem cumprido sua função de reduzir o déficit habitacional do pós-guerra, apresentavam grandes carências. A tensão gerada pela segregação social e étnica dos moradores, em sua maioria imigrantes de baixa renda, produziu uma imagem negativa do subúrbio, associado ao desemprego e à criminalidade, transformando a arquitetura existente em um símbolo da falência da política de integração francesa. Em resposta a isso foi proposta a demolição e substituição dos conjuntos habitacionais por setores do governo.²⁸

Druot, Lacaton e Vassal iniciaram então uma campanha por uma ação mais sensível à arquitetura ali presente e seus significados, que culminou na publicação do estudo Plus. Nele, sugerem alternativas projetuais à proposta oficial, defendendo-as com argumentos sociais, econômicos e ambientais. “Os autores de Plus deixam claro que a arquitetura da banlieue [periferia] não está acima da média. Entretanto, não consideram que isso justifique a demolição: contemplam a tarefa de transformar e revalorizar um objeto preexistente como como um desafio ao arquiteto.”²⁹ Eles entendem a noção de qualidade como um julgamento bastante subjetivo e, por isso, frequentemente sujeito a revisões:

*Atualmente, existem bons motivos para encarar prudentemente juízos emitidos sobre a cultura do passado recente. Não sermos capazes de atribuir valor algum a certa arquitetura não legitima de nenhum modo o direito de desqualificar sua existência. Pelo contrário, a crescente ‘retro-aceleração’ – tempo transcorrido entre a cultura de uma época passada cair no esquecimento até que volte a ser descoberta – evidencia a relatividade de todo juízo cultural.*³⁰

Assim como Stewart Brand, os arquitetos criticam a busca por uma solução projetual definitiva, uma vez que isso significaria negar as constantes mudanças nos modos de vida e nos costumes. A pesquisa reconhece o potencial dos espaços existentes e propõe adaptações a partir, também, da observação dos usos “informais” que indicam demandas dos moradores, como o caso dos espaços comunais improvisados pelos residentes dos



figura 08 · Antes e depois da transformação de 530 unidades habitacionais, edifícios G, H, I, quartier du Grand Parc - Lacaton e Vassal, Druot, Hutin. (Foto: Philipe Ruault)

³¹ VASSAL, 2006, p. 56.

³² RUBY, apud DRUOT et al., 2006, p. 21.

complexos habitacionais analisados: “É certo que alguns desses ‘lugares’ escapam a qualquer classificação tradicional de espaço público, mas estão ali e têm uma força inegável, muito vinculada a seu uso.”³¹ Para além das justificativas relacionadas à memória do lugar, a transformação mostrou-se econômica e ecologicamente mais viável: evitou-se a demolição de uma estrutura em boas condições e as obras foram realizadas de maneira a permitir que determinados cômodos estivessem sempre em condições de habitabilidade para que os moradores não precisassem ser realocados durante as reformas.

O projeto propõe uma extensão dos apartamentos existentes, na forma de uma varanda integrada aos ambientes, porém estruturalmente independente, cuja função pode ser determinada pelos próprios moradores. Através do desenho, os arquitetos garantem um espaço habitável amplo, descartando a suposição de que um orçamento modesto implica em uma arquitetura modesta. Os autores apropriam-se da ideia de planta livre, propagada pelo movimento moderno. “Até hoje, arquitetos costumam relacionar o conceito de planta livre aos aspectos puramente estruturais da arquitetura. (...) A prometida flexibilidade na organização espacial raramente cumpre-se. Com frequência é substituída por uma concepção meramente estética que, como na interpretação de Mies van der Rohe, eleva-se a um espaço ideal, aparentemente aberto a todo tipo de uso, mas que na realidade não permite mudanças.”³² No caso de Druot, Lacaton e Vassal, o uso dessa estratégia projetual visa, justamente, uma liberdade quase irrestrita na mutabilidade dos espaços.

A relevância dessa pesquisa supera as especificidades do contexto em que os edifícios analisados se encontram. Ela instiga uma forma de raciocínio que age a partir do existente, negando a tabula rasa, e que pode ser aplicado em outros tipos de espaço:

³³ RUBY, apud DRUOT et al., 2006, p. 23.

³⁴ DELON, Nicola. 2018. Disponível em: <<https://vimeo.com/281848291>>

³⁵ BUHLER apud INSTITUT FRANÇAIS, 2018, p. 3.

³⁶ PEREZ apud INSTITUT FRANÇAIS, 2018, p. 100-101.

³⁷ INSTITUT FRANÇAIS, 2018, p. 168-169.

*Ao rejeitar a política do movimento moderno de subtrair a história, e, entretanto, articular formalmente essa renúncia com uma linguagem arquitetônica própria do movimento moderno, se produz uma cruz de duas ideologias contrárias, do modernismo e do contextualismo: eles contextualizam o modernismo e modernizam o contextualismo.*³³

ESPAÇOS INFINITOS. Para a 16ª Bienal de Arquitetura de Veneza (2018), o pavilhão francês propôs o tema Lieux Infinis [Lugares Infinitos], onde foram apresentados 10 lugares em que a experimentação caracteriza a produção do espaço, e colabora com a construção de uma comunidade. Quase todos os lugares levantados estavam antes abandonados ou negligenciados. “Nós temos muitos espaços vazios que precisamos reutilizar e zelar, lidar com a realidade através de uma resposta coletiva.”³⁴

A definição desses espaços como “infinitos” parte da premissa de sua construção ser permanente: “Significa que precisamos considerar esses locais como estando perpetuamente inacabados, que aceitamos o inesperado de seus usos e, portanto, suas diversas possibilidades de apropriação.”³⁵ Nesse sentido, inserem-se na definição de Low Road dada por Brand, uma vez que essa liberdade nos usos e na transformação do espaço é o que cria a conexão dos usuários com o lugar.

*O inacabado nos dá uma nova perspectiva da idéia da entrega de um edifício. (...) quero dizer o ato de entregar um edifício que, uma vez construído, está condenado a um lento e deplorável declínio até a obsolescência de seus usos, estruturas e materiais. Assim, o inacabado representa uma oportunidade de redefinir as idéias de planta (para quem?), usos (a que usos vai servir?), restrições (que materiais e fontes de energia?).*³⁶

O centro cultural Centquatre em Paris é um dos lugares selecionados pelos curadores do pavilhão. O edifício foi projetado pelo arquiteto Édouard Delebarre de Bay e construído em 1871 para abrigar serviços funerários. Na época, sua localização configurava os limites da cidade, próximo de vias férreas, e em uma área com poucas edificações. Em 1993, com o fim do monopólio estatal sobre esse serviço, a atividade entrou em decadência, até ser encerrada em 1998. O edifício havia sido tombado em 1997.³⁷

³⁸ LE FIGARO, 2010.

Ao longo desse processo, o norte da cidade, onde o edifício está localizado, sofreu intensa urbanização, e, atualmente, apresenta forte presença de imigrantes e muitos edifícios de habitação social. Nesse sentido, pode-se dizer que o *lugar*, das categorias de Brand, também sofreu transformações que motivaram a mudança no uso do prédio e sua forma de se relacionar com a realidade espacial do bairro. Com uma visão descentralizadora da cultura, o espaço abriga atividades que se dão de forma aberta e colaborativa.

A consolidação desse programa, entretanto, não foi instantânea. Após sua inauguração em 2008, o Centquatre enfrentou dificuldades em se estabelecer, levando dois diretores a renunciarem suas posições.³⁸ Foi a partir de 2010, com a contratação de José Manuel Gonçalves, que uma nova dinâmica foi criada no edifício, e o caráter do centro foi fortalecido.

figura 09 · Centquatre, Paris (Foto: Antoine Cormier)



³⁹ HIDALGO, 2015.

⁴⁰ BARDI In: GRINOVER et al., 2009, p. 149.

Durante a inauguração da Escola Urbana da Universidade Sciences Po em 2015, Anne Hidalgo, prefeita de Paris, deu um depoimento direcionado a Fernando Haddad, então prefeito de São Paulo e um dos convidados do evento, sobre a influência que o modelo do SESC teve na idealização do Centquatre. Segundo ela, quando visitou São Paulo em 2010, identificou que o SESC “cria alguma coisa de comum e que justamente trabalha uma abordagem do indivíduo, sem distinguir entre categorias ou entre os problemas de cada um”. Ao voltar para Paris, ela havia acabado de nomear José Manuel Gonçalves como diretor do Centquatre, e pediu para que ele atuasse de forma semelhante. “Então a gente se inspirou no SESC em São Paulo para um grande equipamento cultural parisiense.”³⁹

Talvez o edifício do SESC que mais traduz os princípios verificados por Hidalgo seja o Pompéia, projetado por Lina Bo Bardi em 1976. Partindo de ruínas industriais localizadas em um contexto urbano completamente heterogêneo, a arquiteta transforma simbolicamente o espaço fabril em um lugar de criação e lazer. A opção pela manutenção da estrutura partiu da própria Lina, em uma decisão paradigmática na época, reconhecendo a autenticidade daquelas construções “ordinárias”.

Em São Paulo, quando fui chamada para recuperar a Pompeia, o pessoal do SESC me perguntou se valia a pena conservar a fábrica. Eu verifiquei que se tratava de um exemplo pioneiro de estrutura em concreto armado, sistema Hennebique, bastante raro e em ótimo estado, não sendo nem preciso fazer obras especiais no local. Retiramos as paredes intermediárias, para liberar grandes espaços poéticos para a comunidade. (...)

Ninguém construiu nada. Encontramos uma fábrica com uma estrutura belíssima, arquitetonicamente importante, original, ninguém mexeu... O desenho de arquitetura do Centro de Lazer SESC Fábrica da Pompéia partiu do desejo de construir uma outra realidade. Nós colocamos apenas algumas coisinhas: um pouco de água, uma lareira.⁴⁰

O envolvimento de Lina com a cultura popular brasileira resultou no rompimento com a tradição clássica de centro cultural através de um projeto que transmite essa visão integradora de produções e costumes muitas vezes marginalizados. Revela-se, então, um lugar infinito uma vez que seus espaços

figura 10 · SESC Pompéia, 2015.
(Foto da autora)



⁴¹ SUBIRATS, 2004.

acolhem atividades que estão sempre se renovando. Nesse sentido, talvez também seja um exemplo da polivalência proposta por Hertzberger, aqui estabelecida por meio de uma multiplicidade de códigos:

Formalmente esta transformação tem lugar sob uma série de linguagens arquitetônicas que conjugam ritmos e motivos do expressionismo alemão e do futurismo italiano, com as tradições artesanais de carpintaria e de construção em tijolo à vista, as citações da engenharia industrial e variações em torno do galpão da arquitetura tradicional latino-americana. Sob esta polifonia de linguagens e espaços diferentes se estabelece finalmente um diálogo entre a festa popular e a cultura erudita, entre o museu como lugar da memória e a praça pública, entre a biblioteca e a pista desportiva.⁴¹

Para além das semelhanças entre o SESC e o Centquatre como releituras de arquiteturas industriais para abrigar programas culturais, ambos existem devido a uma percepção do potencial de um espaço, e da vontade de utilizá-lo como meio de integração e valorização da riqueza multicultural das cidades.

ANÁLISE DE UM EDIFÍCIO

Com o intuito de compreender as dinâmicas de transformação da arquitetura, este trabalho propõe uma análise aprofundada de um edifício específico, originalmente sede da Associação das Classes Laboriosas. A escolha do edifício não foi determinada pelas particularidades de sua arquitetura e história, mas justamente por fazer parte de um conjunto de construções em estado de vacância no centro de São Paulo com potencial para serem reaproveitadas. A consciência da adaptabilidade da arquitetura possibilita perceber essas estruturas de forma sensível à memória do lugar, e aberta às possibilidades futuras de uso desses espaços.

A pesquisa resultou na descoberta de informações singulares sobre o edifício, mas isso não o desqualifica como exemplo desse contexto geral do centro de São Paulo. Cada construção, se submetida a uma investigação profunda, apresentará especificidades, devido aos diferentes contextos que caracterizaram sua existência, sejam eles físicos, sociais ou econômicos. O objetivo não é transformar a antiga sede das Classes Laboriosas em símbolo do que deve ou não ser feito enquanto modificação na arquitetura, mas demonstrar como a passagem do tempo atuou (e atua) sobre esse objeto de estudo.

No início deste trabalho, foram realizadas visitas a diversos edifícios notificados pelo PEUC, e a Rua Roberto Simonsen destacava-se pela quantidade de edifícios sub ou não utilizados. Localizada no coração histórico da cidade, a rua é caracterizada pela presença de espaços reconhecidamente históricos, como a Casa da Marquesa de Santos ou o Beco do Pinto. Apesar disso, numa primeira visita a percepção foi de uma rua desabitada em pleno centro, dominada por estacionamentos que ocupam o térreo da maior parte dos edifícios existentes. O pequeno comércio presente, como papelarias e loja de carimbos, só aparece a um olhar mais atento. Ao fim da tarde das sextas-feiras, alguns bares da região ficam bastante movimentados, o que, em contraste com o entorno de prédios-ruínas, cria uma atmosfera muito particular, que talvez defina o espírito do lugar de De Jonge e Kulpers.

A pesquisa documental posterior foi realizada com base nos registros do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. Além das plantas de diferentes períodos, foi possível analisar uma proposta de reforma posterior ao incêndio do prédio em 2008, que continha um levantamento histórico exigido pelos órgãos de patrimônio. Construído em 1907, o edifício foi

O edifício em 2016.
Foto: Gabriel Pietraroia.



⁴² TEIXEIRA, 2013.
⁴³ AVELINO, 2011, p. 8.
⁴⁴ REINA; ZANCHETTA, 2008, p. 8.

projetado para abrigar a Associação das Classes Laboriosas, entidade criada em 1891. Em um momento de grandes transformações econômicas e sociais que propiciaram as condições para a industrialização e crescimento urbano acelerado, a associação foi concebida por um grupo de pedreiros e carpinteiros, muitos dos quais imigrantes, como forma de garantia de assistência médica às suas famílias por meio de um sistema de cooperativa, com cerca de 400 associados no momento de sua criação. Posteriormente, o atendimento foi estendido para outras categorias, como operários e comerciantes.

Além de consultórios médicos e dentários, laboratório e farmácia, a sede incluía o Auditório Celso Garcia, que foi palco de atividades operárias e sindicais desde o começo do século, tornando-se parte da história e do patrimônio cultural dos trabalhadores de São Paulo, motivo pelo qual o edifício foi tombado em 2002 (anteriormente era tombado como área envoltória da Casa da Marquesa e de Santos e do Palácio da Justiça desde 1995). “Operários costumavam fazer filas para participar de bailes e, nos anos 1940 e 1950, organizavam ali greves trabalhistas.”⁴² O espaço do auditório também era alugado a coletivos de teatro, combinando assistencialismo e cultura, e adotando o lazer como terapia na cura de doenças de forma pioneira no país.⁴³

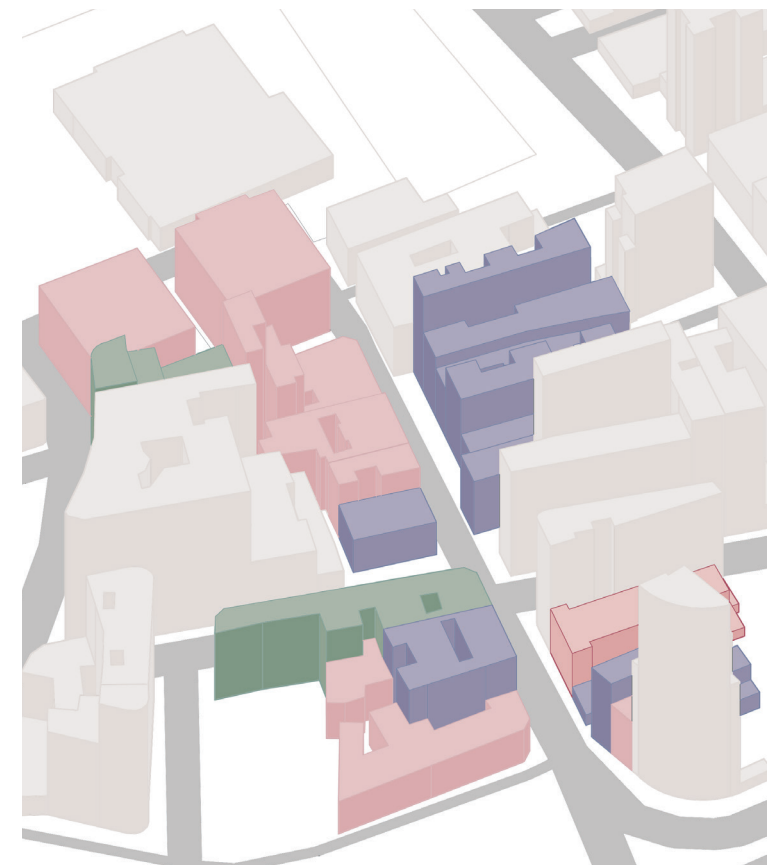
A relevância da associação em termos de representatividade foi diminuindo, apesar de existir até hoje na forma de plano de saúde. Em 2008, quando um incêndio tomou conta do edifício, uma matéria de jornal⁴⁴ relatava que a entidade enfrentava disputas internas, ações de clientes na Justiça e dívidas que resultaram em uma intervenção do governo federal. Entrevistados relataram suspeitas de que o incêndio teria sido intencional, como forma de destruir arquivos.

Fachadas da rua Roberto Simonsen em 2018: pequenos comércios e edifícios vazios. (fotos da autora)



Uso dos imóveis da Rua Roberto Simonsen em 2018:

- sem uso
- térreo estacionamento
- apenas térreo em uso
- em uso



⁴⁵ TEIXEIRA, 2013.

⁴⁶ Às quais tive acesso em meados de novembro.

A proposta de reforma do edifício chegou a ser aprovada pelos órgãos de patrimônio, mas não foi executada devido a uma briga entre os proprietários e a seguradora⁴⁵, sendo esses os documentos mais recentes no Arquivo Municipal. Entretanto, sabe-se que em algum momento entre o incêndio e 2016 o edifício foi ocupado por um grupo provavelmente independente. Essa informação foi confirmada por funcionários do estacionamento vizinho ao Classes Laboriosas, e pelo arquiteto Gabriel Pietraroia, que chegou a visitar a ocupação e disponibilizou fotos internas⁴⁶. Os moradores chegaram a promover, junto a coletivos artísticos, festas no edifício como forma de arrecadar fundos para a ocupação. No primeiro semestre de 2018, entretanto, o edifício estava vazio e em agosto havia sido lacrado pela prefeitura com o intuito de evitar novas ocupações, encontrando-se nessa condição até hoje.

**Prefeitura do Município de São Paulo
Secretaria Municipal de Cultura
Departamento do Patrimônio Histórico**

Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo

Resolução nº. 01/2002

O Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo – CONPRESP, no uso de suas atribuições legais e nos termos da Lei nº 10.032/85, com as alterações introduzidas pela Lei nº 10.236/86, conforme decisão unânime dos Conselheiros presentes à 259ª Reunião Ordinária realizada em 05 de março de 2002, e Considerando a importância histórica da Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas, símbolo da organização e cultura dos trabalhadores da cidade de São Paulo;

RESOLVE

Artigo 1º. – Tombar o edifício sede da Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas, situado na Rua Roberto Simonsen, nº 22, correspondendo ao Lote 0007 – Quadra 074 – Setor 02, do cadastro imobiliário municipal, conforme contido no processo nº 2001-0.024.443-9.

Parágrafo único – A área tombada corresponde à edificação, dispensada a delimitação da área envoltória de que trata o Artigo 10º da Lei nº 10.032/85.

Artigo 2º. - O tombamento de que trata o Artigo 1º, utiliza-se dos estudos que acompanham a Resolução SC nº 045/CONDEPHAAT, de 17/10/1995.

Artigo 3º – Fica o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo – CONPRESP, autorizado a inscrever no Livro de Tombo o referido bem, para os devidos e legais efeitos.

Artigo 4º – Esta Resolução passa a vigorar a partir da data de sua publicação no Diário Oficial do Município de São Paulo.

Documento de tombamento do edifício da Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas.

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 04 fev. 2008. Caderno Cidades/ Metrôpole, p. 8.

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 10 fev. 2008. Caderno Cidades/ Metrôpole, p. 7.

PATRIMÔNIO EM RISCO

Incêndio destrói prédio histórico

Conselheiros da Classes Laboriosas acreditam em crime; entidade passou por intervenção

**Eduardo Reina
Diego Zanchetta**

Um incêndio misterioso destruiu parte do edifício centenário da seguradora de saúde Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas, na Rua Roberto Simonsen, região do centro velho. O fogo começou ontem por volta de 1h30 e só foi controlado às 3 horas pelos bombeiros. A empresa, fundada em 1891, foi a primeira do País a vender convênios médicos. Nos últimos dez anos, porém, a entidade enfrenta disputas internas, ações de clientes na Justiça e dívidas que resultaram em uma intervenção do governo federal.

Ontem, conselheiros e funcionários da seguradora disseram acreditar em crime – o incêndio atingiu o último andar do edifício, local onde ficavam documentos. Há quatro anos, dizem os conselheiros, a atual gestão do presidente Caster José Feijó, de 80 anos, trava disputas com o ex-presidente Antônio de Sousa Loureiro Filho, de 62. “Acho o incêndio muito estranho”, suspeitou Loureiro, destituído da presidência em agosto do ano passado.

“Toda a fiação elétrica do prédio era nova. E as determinações de segurança foram cumpridas. O que eu posso dizer é que tudo o que está sendo dito não tem objetividade. Vamos esperar o resultado da perícia”, argumentou Feijó.

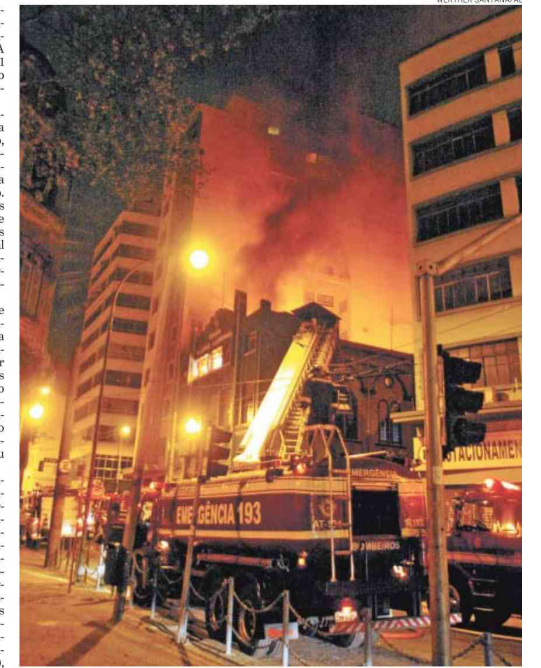
O delegado do 1º Distrito Ricardo Trentini disse que a polícia terá mais informações na quarta-feira. Não é a primeira vez que a Classes Laboriosas aparece em inquéritos policiais. Desde 2006, o 1º DP apura desvio de verbas. Antes, em 2005, a Agência Nacional de

Saúde havia pedido a indisponibilidade dos bens dos integrantes da direção da empresa devido a problemas financeiros. A associação tinha dívida de R\$ 11 milhões com credores, passivo sanado em janeiro de 2006, segundo o atual presidente.

As chamas destruíram o anfiteatro Celso Garcia, onde havia 14 lustres de cristal. O prédio, tombado pelo patrimônio histórico desde 1995 e cuja construção teve início em 1907, fica a 100 metros do Pátio do Colégio. Foram necessárias 12 equipes dos bombeiros para evitar que as chamas atingissem edifícios vizinhos. “Não havia material combustível na sede. É estranho o fogo ter começado na parte de cima”, disse o porteiro José Sidônio.

O porteiro que estava de plantão, Moacir Santana, contou que havia uma outra pessoa no prédio, no setor de internações. Santana afirmou que por volta de 1h30 escutou barulhos estranhos no teatro – no último andar – durante a vistoria de rotina, mas não conseguiu ver nada de concreto. Pouco depois, o alarme contra incêndios começou a tocar. “O pânico tomou conta de mim”, disse.

Santana disse que teve tempo apenas de acionar os bombeiros. Ninguém se feriu. De acordo com a Secretaria da Segurança Pública, peritos do Instituto de Criminalística coletaram material. As chamas comprometeram a estrutura do imóvel, que tem dois andares, térreo e subsolo. A direção da Classes Laboriosas pleiteia verbas para a reforma, segundo a diretora de Meio Ambiente e Paisagem Urbana da Empresa Municipal de Urbanização (Emurb), Regina Monteiro.



MISTÉRIO – Labaredas consumiram teatro e arquivo de documentos da empresa; ninguém se feriu

Tesouro Paulistano: Artigo

O incêndio do Auditório das Classes Laboriosas

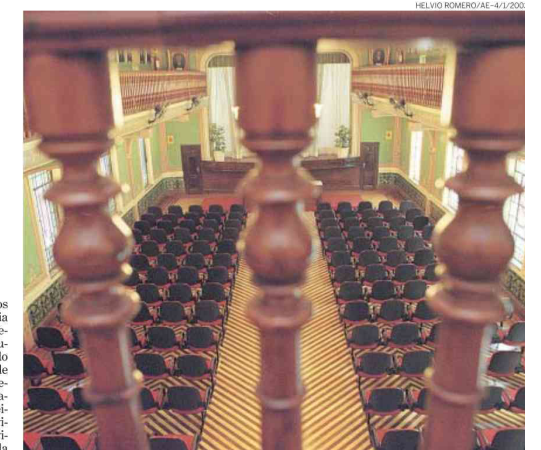
**José de Souza
Martins**

Nas últimas décadas, um curioso e invisível embate se travou num prédio secular do centro histórico de São Paulo, na Rua Roberto Simonsen, o prédio da Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas. O embate foi entre a tradição do mútuo socorro e a novidade da empresa de seguro-saúde. Fundada em 1891, como Associação Auxiliadora dos Carpinteiros e Pedreiros, cumpria por quase um século a função mutualista que lhe propuseram os trabalhadores que a fundaram. Até ser desafiada por sua conversão em empresa de seguro-saúde, que parecia atender melhor as demandas modernas da compra de serviços nessa área.

As associações de mútuo socorro proliferaram no Brasil inteiro, seguindo a moda europeia da época. Foram o modo como os artesãos enfrentaram os efeitos socialmente destrutivos da expansão do capitalismo industrial, na competição que

lhes movia a indústria e que os mergulhou numa longa agonia econômica que, em toda a região metropolitana de São Paulo, arrastou-se até os anos 60 do século 20. Os artesãos que, de vários modos, estiveram presentes na vida de toda a população, do pedreiro e do carpinteiro ao funileiro e ao alfaiate, viram as suas profissões absorvidas no processo de trabalho da grande indústria e dentro dela fragmentadas e diluídas em processos de trabalho dominados pela máquina. O que ocorreu com os aliados diante dos nossos olhos é bem significativo dessas mudanças profundas.

O mútuo socorro, de certo modo, fazia parte da mesma cultura das corporações de ofício, de origem europeia, extintas no Brasil na época da Independência. Permaneceram, porém, como cultura profissional corporativa, até mesmo na profissão como herança de família, de que ainda há resquícios espalhados por vários cantos da metrópole. Os mutualistas tinham quase sempre uma identidade de referência, ou profissional, como nesse caso das Classes Laboriosas, ou de origem nacional, como italianos, alemães, espanhóis, portugueses. Nesse caso, era o modo de alargar a base



MEMÓRIA – Há uma semana, fogo destruiu o centenário e histórico Auditório Celso Garcia

de contribuintes. Esses fundos pagavam consultas médicas, curas para os trabalhadores, e também a pagar diárias ao sócio que, por doença, ficasse incapacitado de trabalhar, até um certo número de dias. Havia associações em que os sócios se revezavam como enfermeiros na cabeceira do doente, em casa. Havia multas para quem não fosse no enterro de um associado.

Uma resistência à desagregação social e moral da velha ordem que a nova e avassaladora economia disseminava.

O mútuo socorro das Classes Laboriosas decorria da solidariedade profissional e moral dos artesãos. O seguro-saúde das Classes Laboriosas já corria em comum meio de sua emancipação social e de sua afirmação política e não como passatempo

de contribuintes. Esses fundos pagavam consultas médicas, curas para os trabalhadores, e também a pagar diárias ao sócio que, por doença, ficasse incapacitado de trabalhar, até um certo número de dias. Havia associações em que os sócios se revezavam como enfermeiros na cabeceira do doente, em casa. Havia multas para quem não fosse no enterro de um associado.

Um inimigo de classe. Ali foi local de assembleias memórias da classe operária, como as que prepararam a grande greve de 1953. Era o local que as agremiações políticas recorriam para os debates nacionais nos anos 60, antes do golpe militar. De certo modo, o embate entre o mutualismo comunitário e o comércio de serviços de seguro-saúde terminou na madrugada de domingo, dia 4 de fevereiro. A memória virou cinza. Um incêndio destruiu o Auditório Celso Garcia da Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas.

José de Souza Martins é sociólogo e professor da Universidade São Paulo



Fachada e térreo em 2016.



Vista do espaço entre o Classes Laboriosas e o edifício vizinho; escada interna em 2016.



Vistas do estacionamento vizinho ao edifício.
Fotos: Gabriel Pietraroia.



Vistas interna para a varanda, mezanino e antigo Auditório Celso Garcia em 2016.
Fotos: Gabriel Pietraroia.





Vistas do antigo auditório, a primeira em direção ao palco.



Entrada do edifício; vista de onde estava localizado o palco.



Espaço onde estava localizado o palco, que foi completamente consumido pelo fogo. Fotos: Gabriel Pietraroia.



Entrada principal do edifício; consoles que serviam de apoio às frisas; vista por detrás da fachada. Fotos: Gabriel Pietraroia e Ryan Wolf.

Cena de *Aqui* de Richard McGuire (Companhia das Letras, 2017).

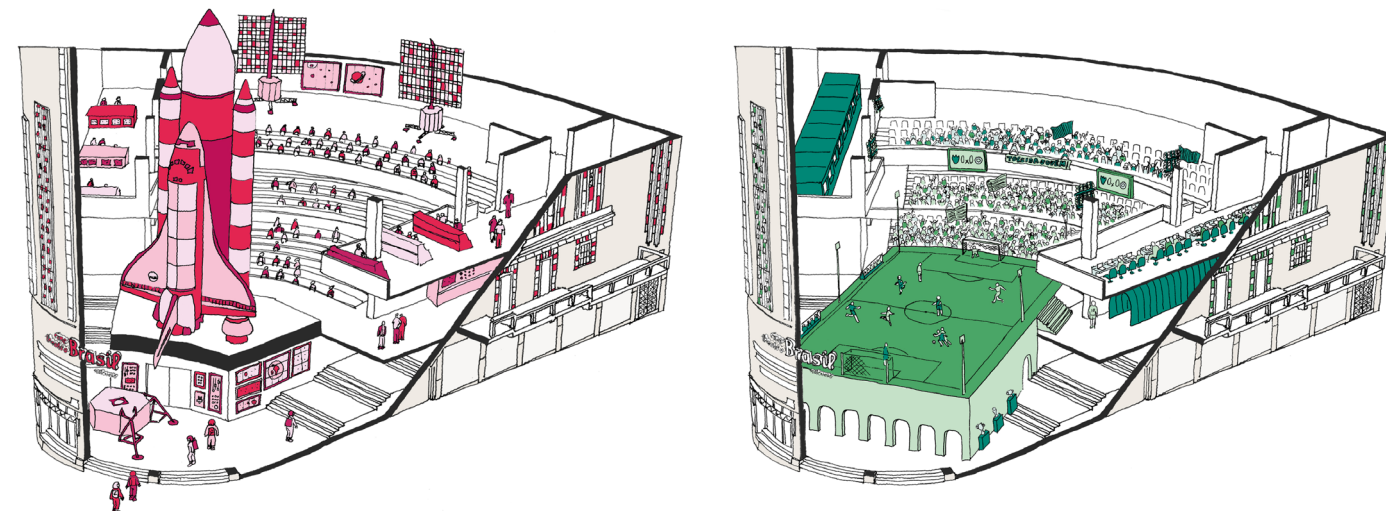


⁴⁷ MCGUIRE In: RIBEIRO, 2017.

ESCOLHAS GRÁFICAS. A representação do edifício pretende traduzir não só as modificações por ele sofridas, mas a percepção de que essas diferentes temporalidades compõem o espaço como um todo. O objetivo não era a construção da imagem do presente como o resultado final desse processo, mas como mais uma etapa pela qual a arquitetura está passando. Para isso, a referência do livro “Aqui” (Companhia das Letras, 2017) de Richard McGuire foi fundamental. A história em quadrinhos narra em quase 300 páginas a história do mundo a partir de um mesmo lugar – que já foi uma floresta, o canto de uma sala, o fundo do mar. O formato não linear da narrativa, que se vale da sobreposição de tempos, representa, de forma emblemática, a complexidade desses processos de transformações. Segundo o autor: “A ideia principal é que tudo é impermanente. Nós devemos prestar mais atenção nas coisas. Esse instante em particular nunca vai ser replicado, tudo acontece uma vez só.”⁴⁷ Inspirado nessa ideia, o trabalho propõe uma visão semelhante, com o foco no Classes Laboriosas, e na justaposição das diferentes épocas de onde hoje ele se encontra.

A passagem do tempo também é retratada na série *The changing city* [A cidade em mudança] de Jörg Müller (Atheneum Publishers, 1977). Nela, o autor representa, em uma sequência de oito ilustrações baseadas em arquivos municipais suíços e alemães, as transformações de uma mesma parte da cidade em intervalos de 3 anos, de 1953 a 1976. Apesar da visão um pouco saudosista do passado, o conjunto de imagens é rico em informações e detalhes, criando uma narrativa envolvente e didática.

Outra referência importante, com foco na arquitetura, foi o livro “99 ideias para um cinema de rua” (2018) do coletivo mineiro Micrópolis. Nele, são propostas possibilidades de ocupação de um antigo cinema abandonado no centro de Belo Horizonte. “As ideias, apresentadas sob a forma de desenhos arquitetônicos acompanhados de pequenas narrativas, não têm caráter



99 ideias para um cinema de rua do coletivo Micrópolis (2018).

⁴⁸ <<https://www.micropolis.com.br/99-Ideias-para-um-Cinema-de-Rua-1>>. Acesso em 02 dez. 2018

programático nem ambição de viabilidade. Embora materializadas no edifício do Cine Theatro Brasil, o intuito das propostas é evidenciar as diversas maneiras de enxergar a cidade e as possibilidades de uso de seus espaços compartilhados.⁴⁸ Os usos possíveis do lugar foram levantados a partir de pesquisas históricas e de sugestões de pessoas que frequentam a região do edifício. Além disso, quatro foram temporariamente experimentadas, reforçando a importância de se imaginar as potencialidades dos lugares.

Inicialmente, pretendia-se mostrar as transformações do Classes Laboriosas sempre a partir de uma mesma visão do edifício, assim como fazem Richard McGuire e o coletivo Micrópolis em suas representações. Mas algumas tentativas demonstraram que isso não permitiria representar em detalhes as transformações enfocadas. Optou-se, então, pela utilização de um ângulo de visão constante, e um diagrama localizando a cena no edifício. A ilustração em isométrica elimina a hierarquia entre os planos da imagem, uma vez que todos os elementos retratados são apresentados seguindo uma mesma proporção. A distinção entre cores para indicar temporalidades diversas também busca facilitar a compreensão das representações.

Apesar da pesquisa documental e histórica realizada, é importante ressaltar que as informações obtidas não preenchem todas as lacunas necessárias para a composição total das imagens, faltando principalmente dados sobre a disposição e características do mobiliário (a camada das coisas de Brand). Essa lacuna foi preenchida com recurso à fantasia que, sem pretensão alguma de exatidão factual, buscou imaginar a ocupação dos espaços. Para auxiliar na distinção entre passado documentado e imaginado, vestígios das informações existentes são apresentados nas páginas de forma complementar às imagens.



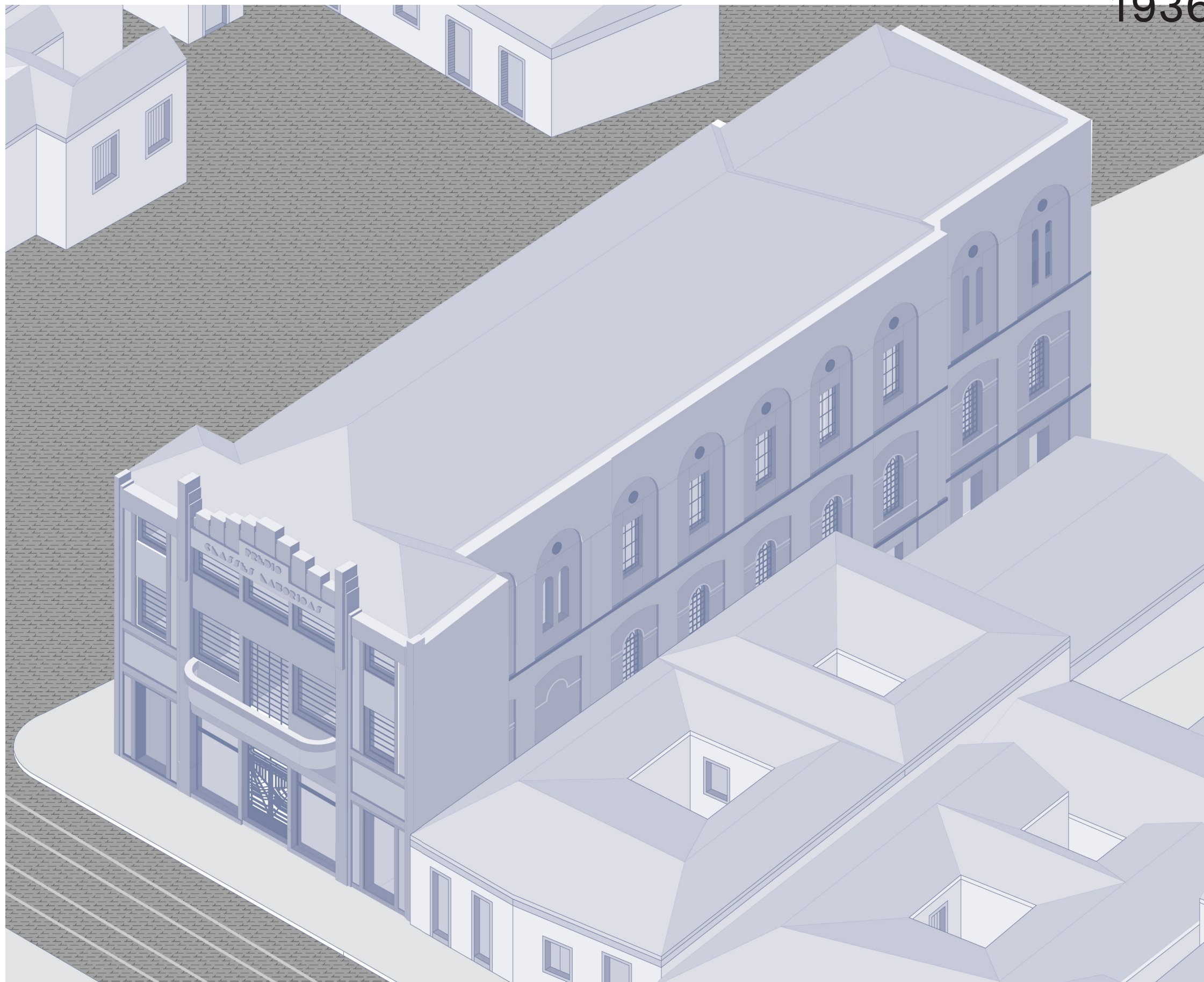
- Quadras
- Edifícios
- Edifício da Associação das Classes Laboriosas



Mapa base: GEGRAN (2010).

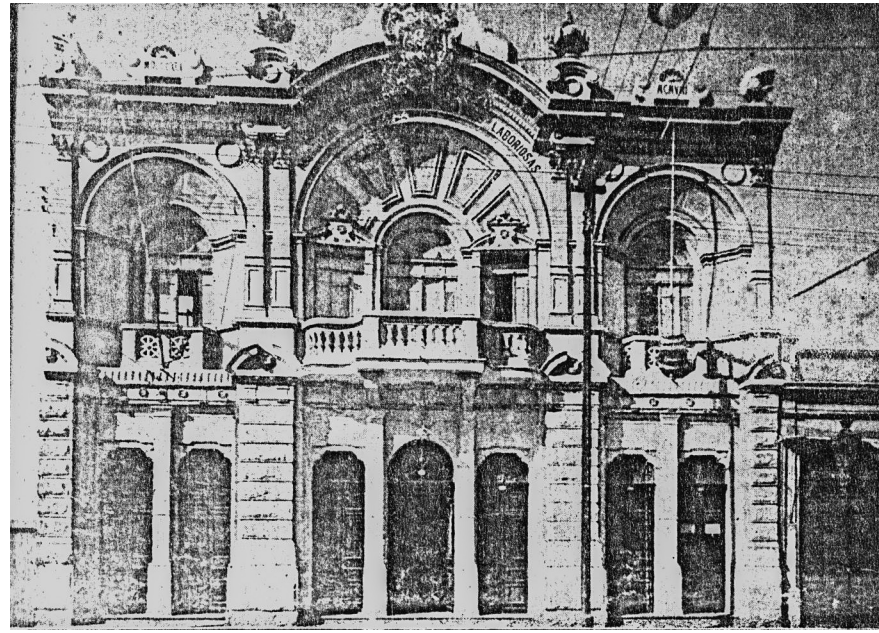


Para criar a cena de 1936, usou-se como fonte o mapa de 1930 da página anterior para a delimitação dos edifícios, e a foto acima, de 1912, onde é possível enxergar o edifício ao fundo. A foto, de autoria de Militão Azevedo, faz parte do Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo (1862-1910-16), Washington Luís, v.1, disponível na Biblioteca Mário de Andrade.



1936

Quando o edifício foi concebido, sua fachada tinha estilo eclético, assim como o restante do edifício. A foto ao lado era o único registro da fachada original disponível no Arquivo Municipal.



A cena ao lado foi concebida a partir da planta anterior à reforma da fachada em 1936. Fonte: Arquivo Municipal.

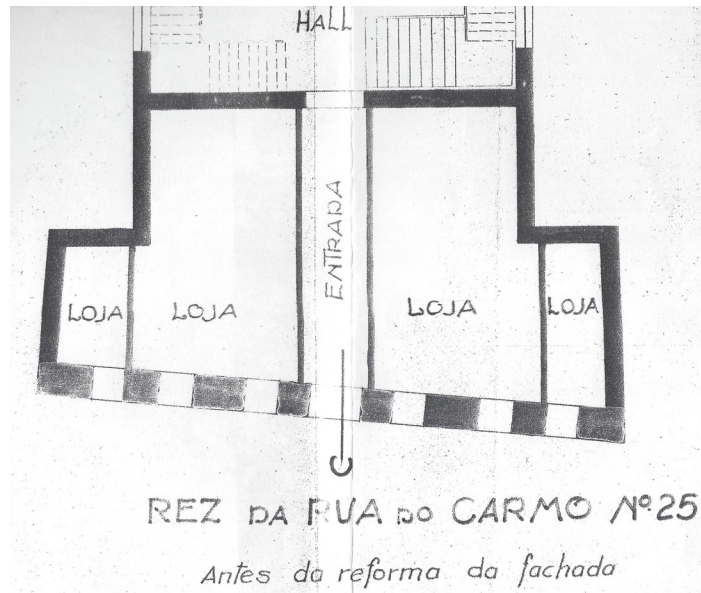
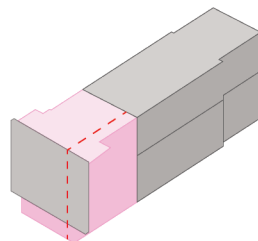
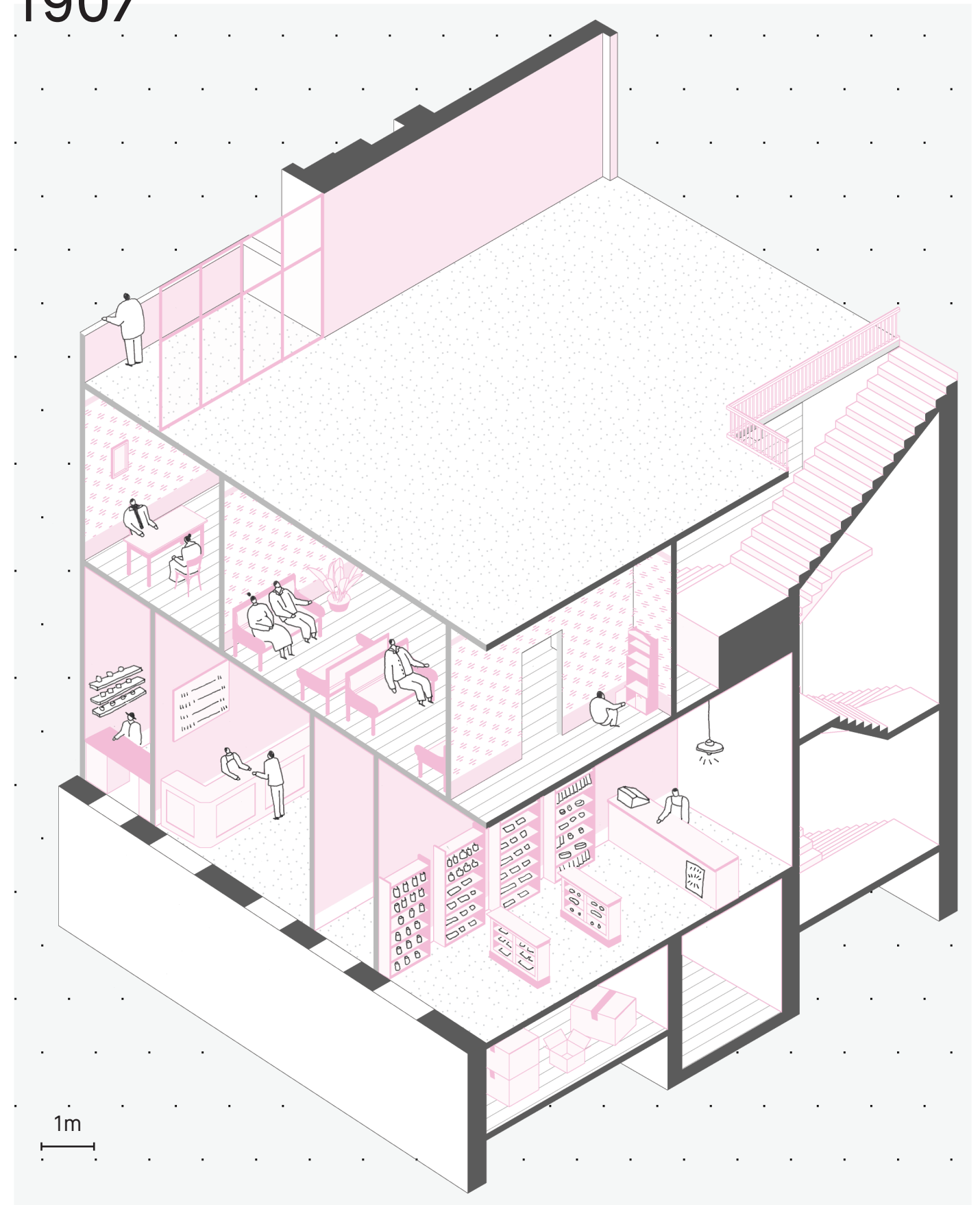


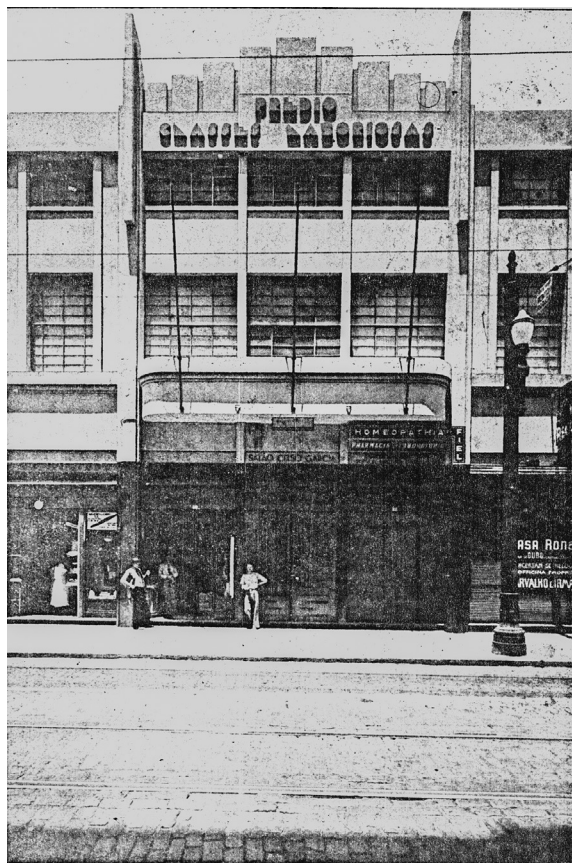
Diagrama de localização da cena no edifício:



1907



Em 1936, a fachada do edifício foi reformada, adquirindo um estilo art decò. A disposição dos ambientes que estavam voltados para a rua foi um pouco modificada. A fotografia mostra edifício em 1939. Fonte: autor desconhecido.



Planta da proposta de reforma da fachada. Fonte: Arquivo Municipal.

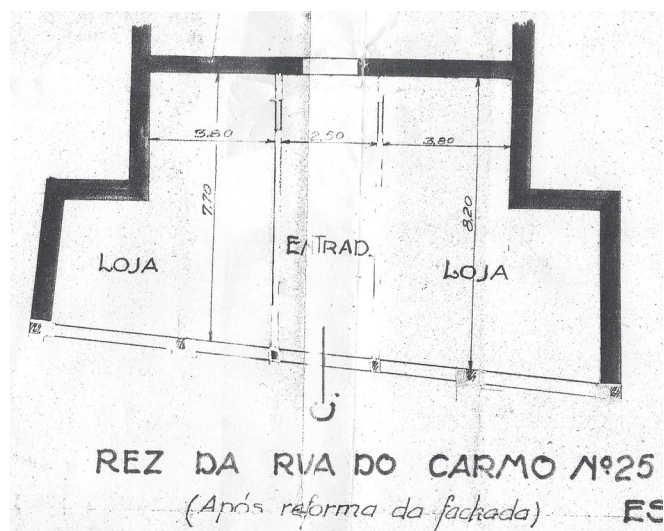
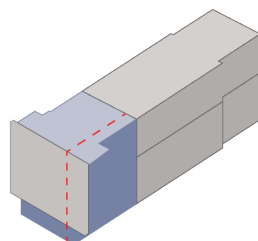
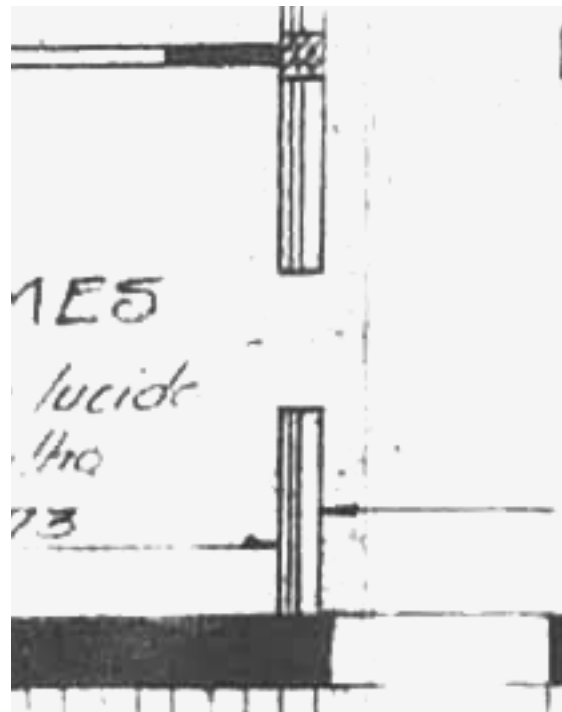


Diagrama de localização da cena no edifício:



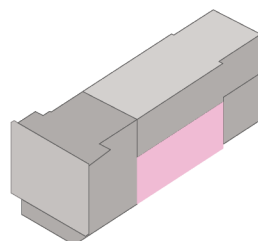
1936



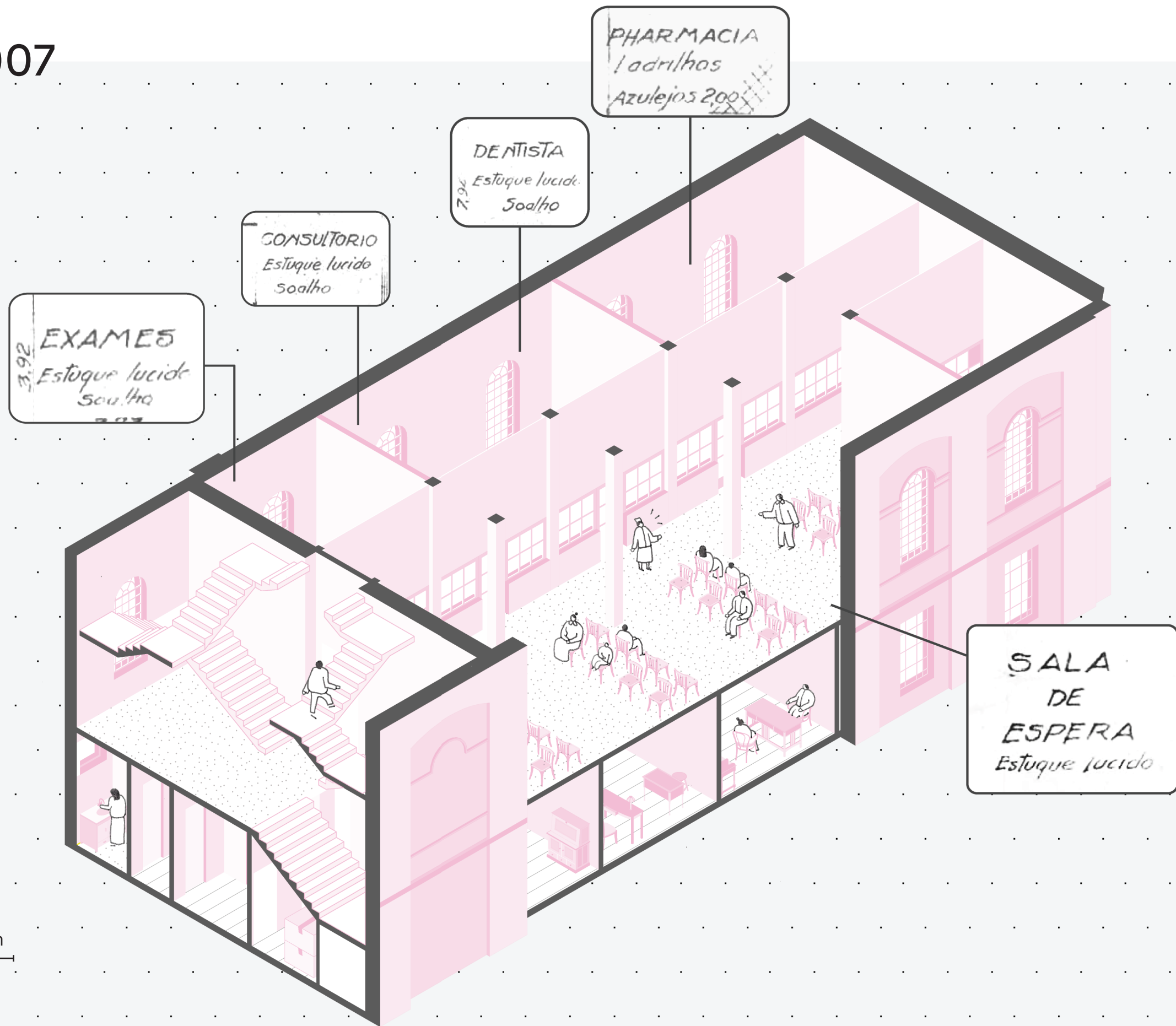


Na planta de 1936, a divisão entre sala de espera e os espaços de atendimento está representada por paredes com marcação de caixilhos, que não estão detalhados no corte.
 Fonte: Arquivo Municipal.

Diagrama de localização da cena no edifício:



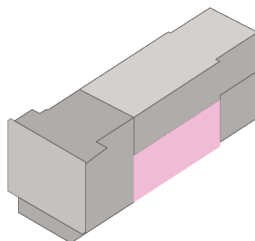
1907



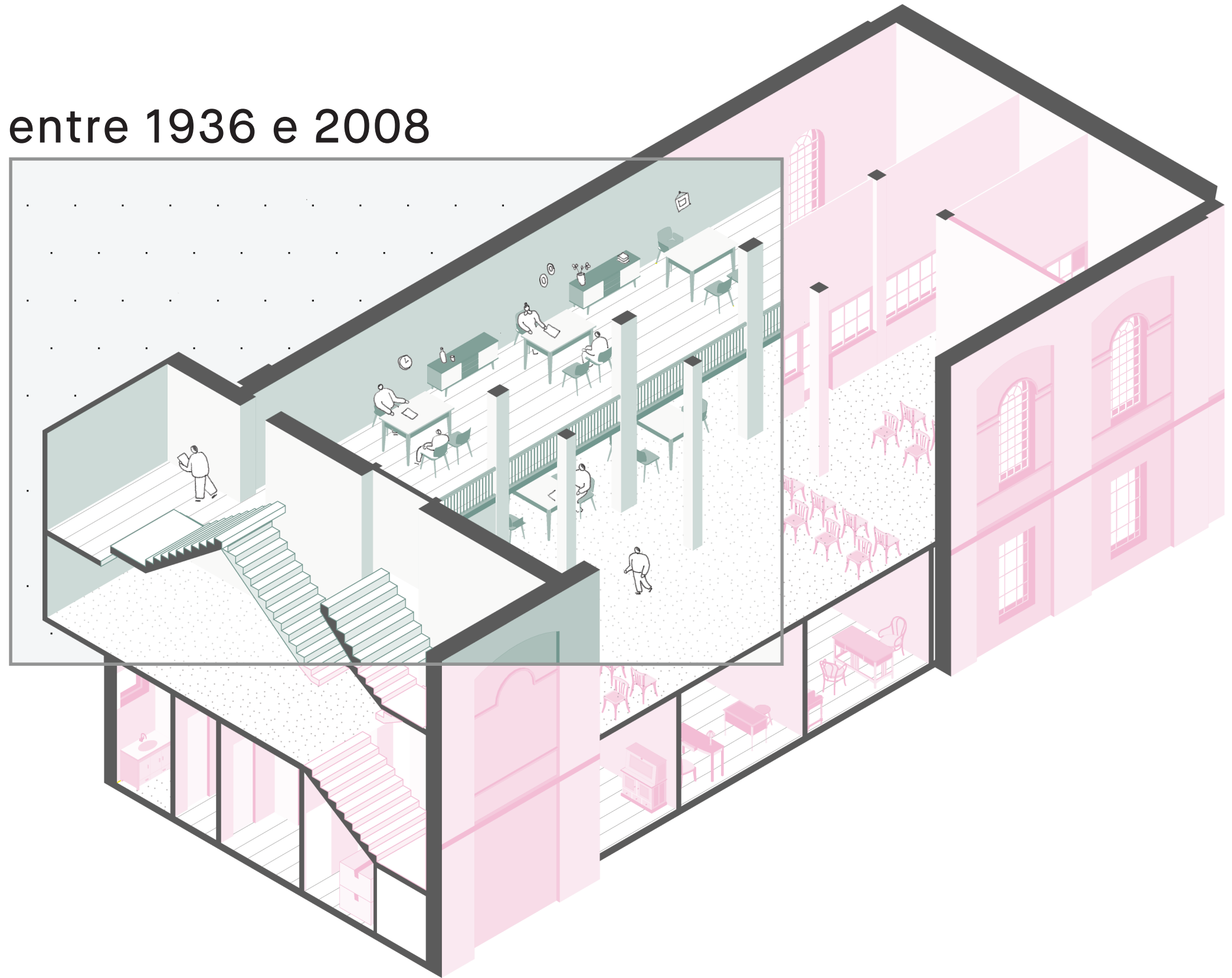


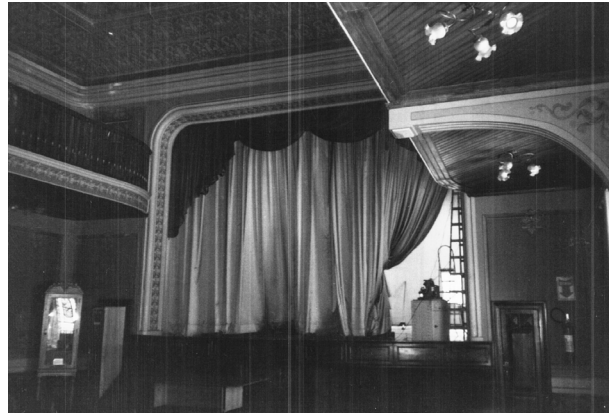
Não há registro da construção do mezanino no pavimento térreo, que só é representado nas fotos de levantamento e plantas da proposta de reforma do edifício em 2008, com indicação de demolição. A justificativa para a retirada é o pé direito muito baixo e a obstrução das janelas que compõem a fachada original. Fonte: Arquivo Municipal.

Diagrama de localização da cena no edifício:



entre 1936 e 2008





Além de ser utilizado pelos coletivos de teatro que alugavam o espaço, o auditório Celso Garcia era usado para reuniões operárias e sindicais e festividades.
Foto: autor desconhecido.

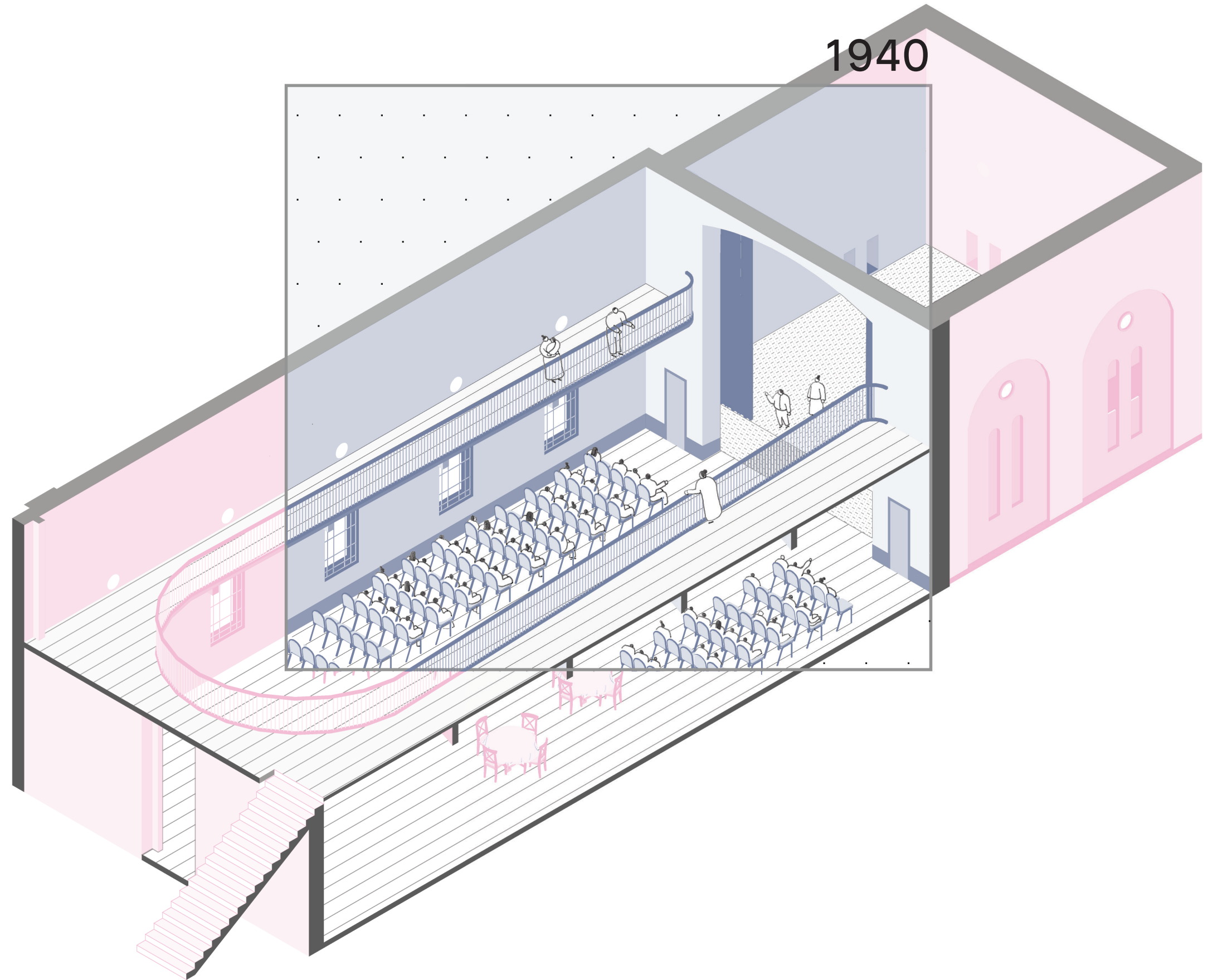
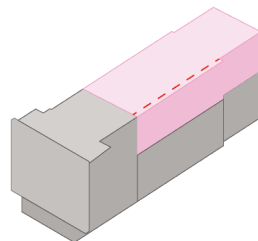


Diagrama de localização da cena no edifício:





Após o incêndio, o salão perdeu toda a cobertura, o palco e as frisas. Mesmo assim, era o lugar em que coletivos artísticos, junto aos moradores da ocupação, davam festas para arrecadação de fundos. Foto: Gabriel Pietraroia

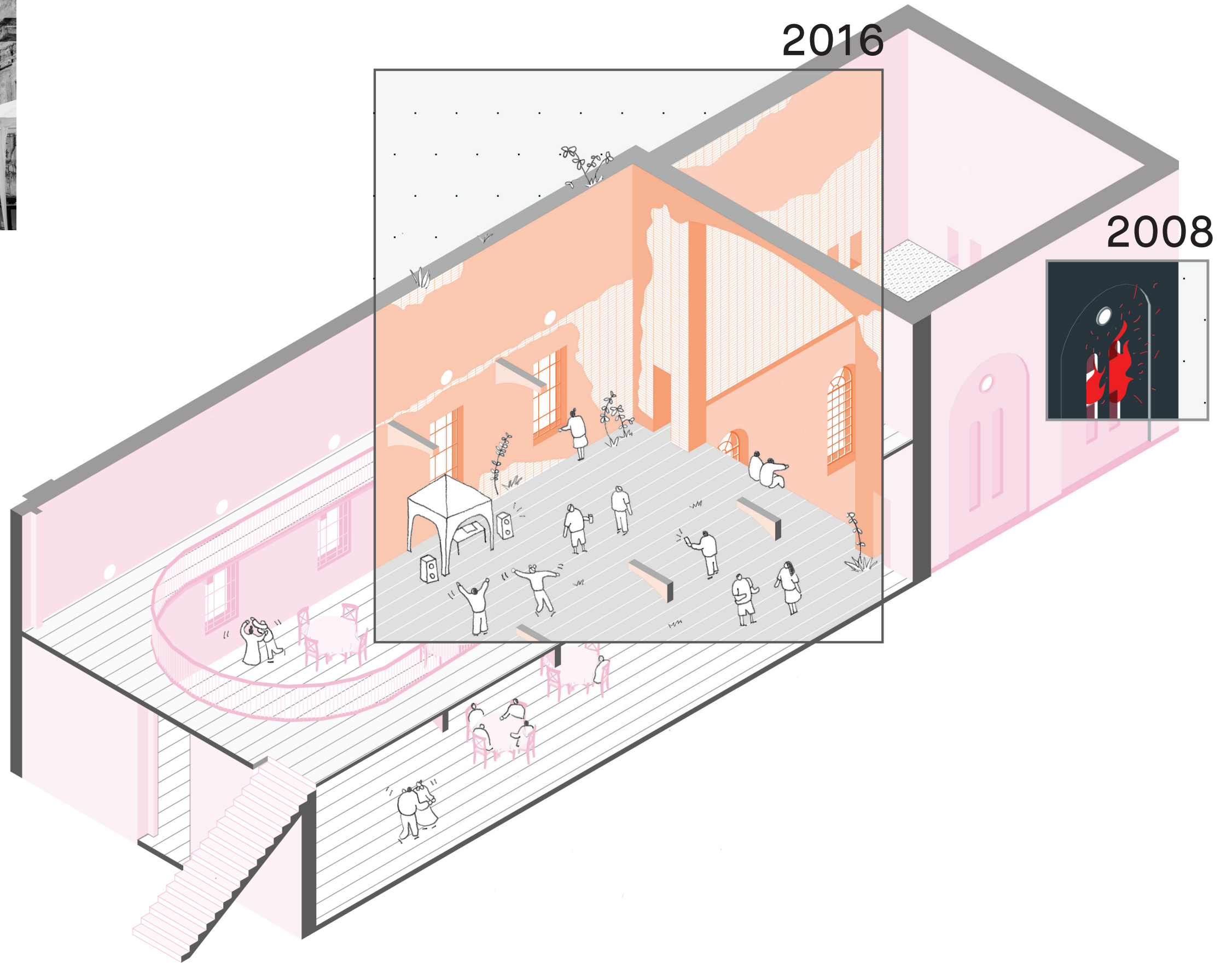
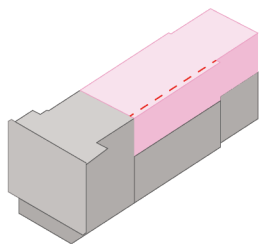


Diagrama de localização da cena no edifício:



2008

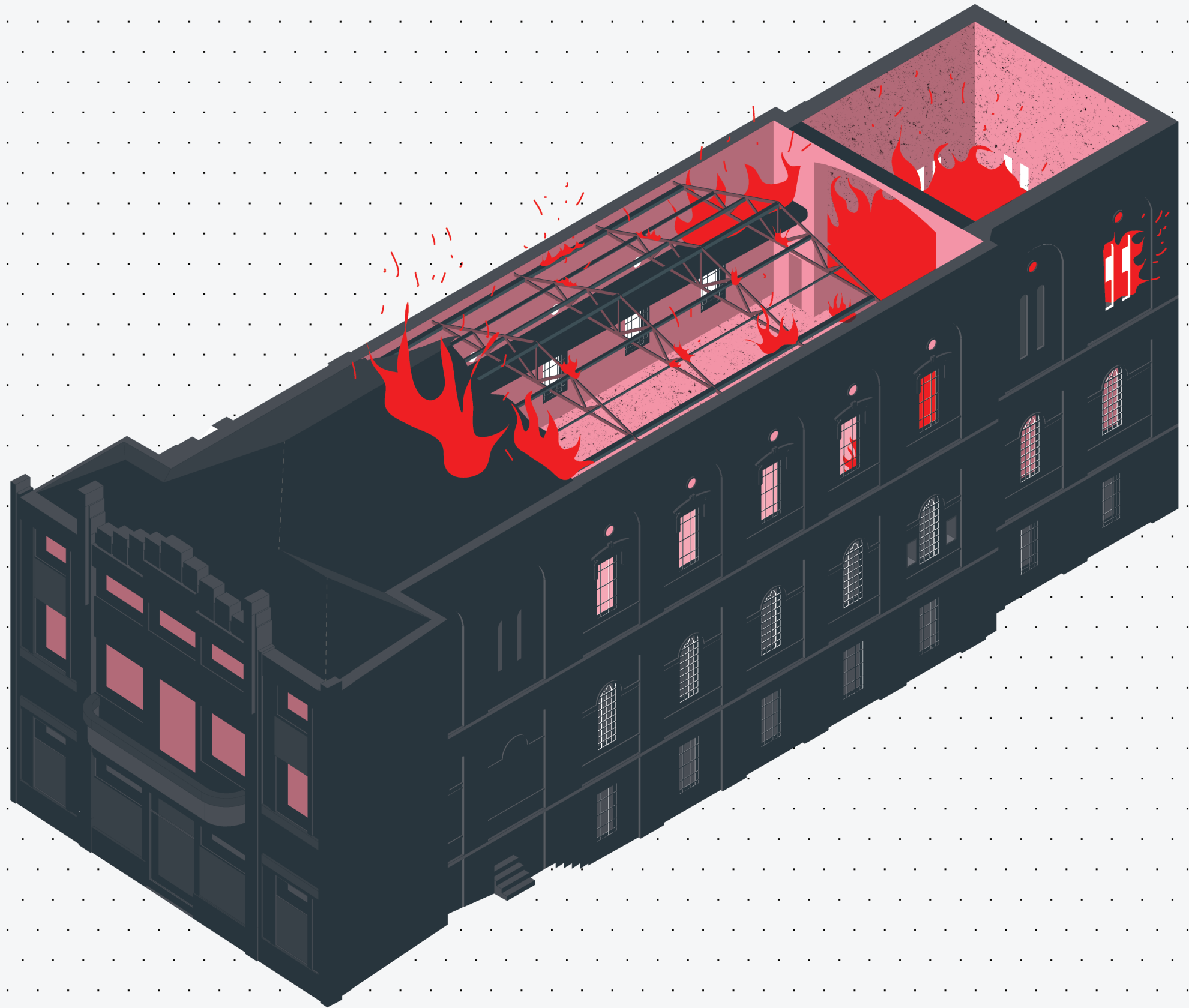
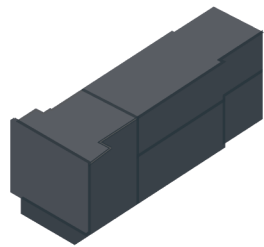
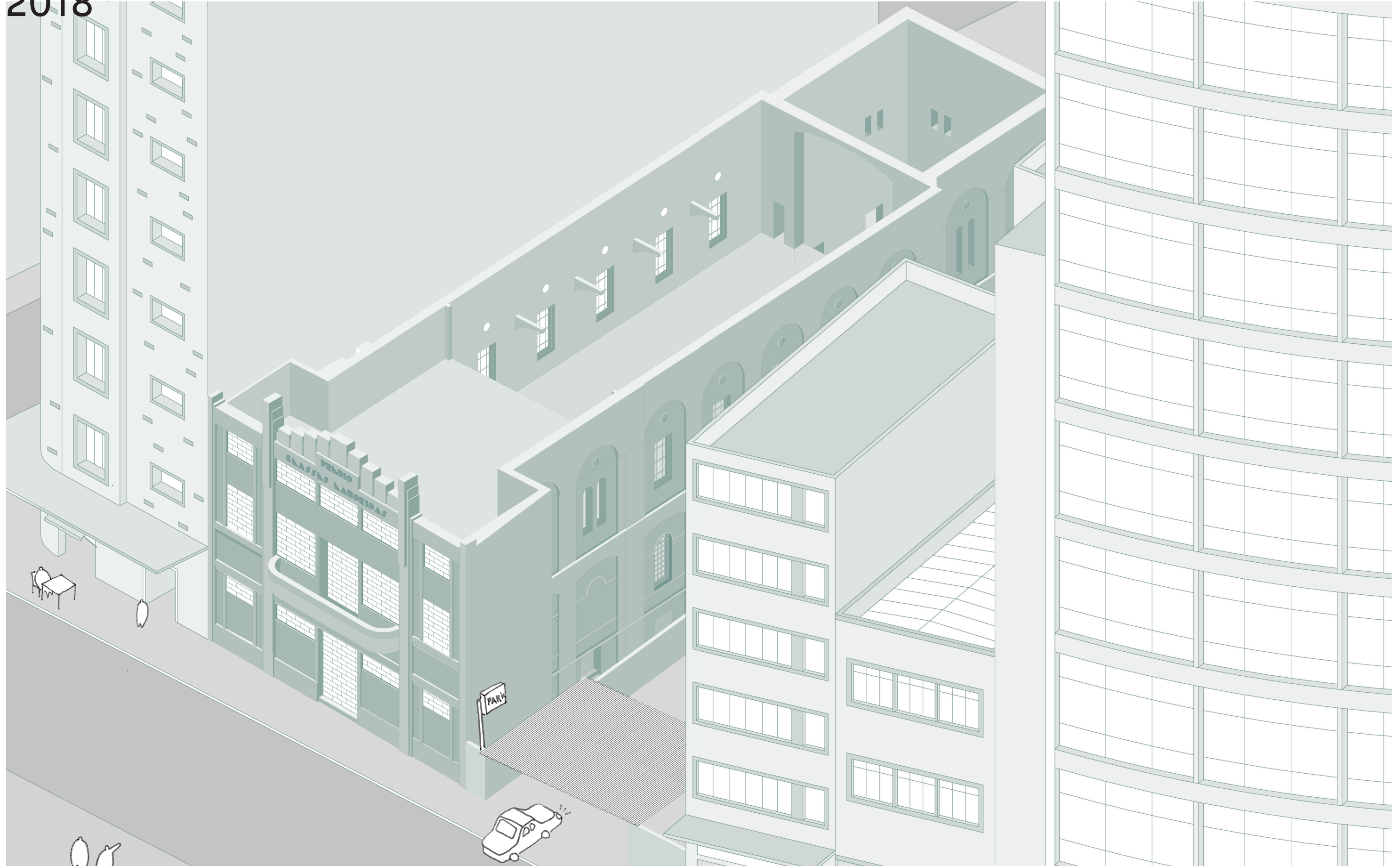


Diagrama de localização da cena no edifício:



2018



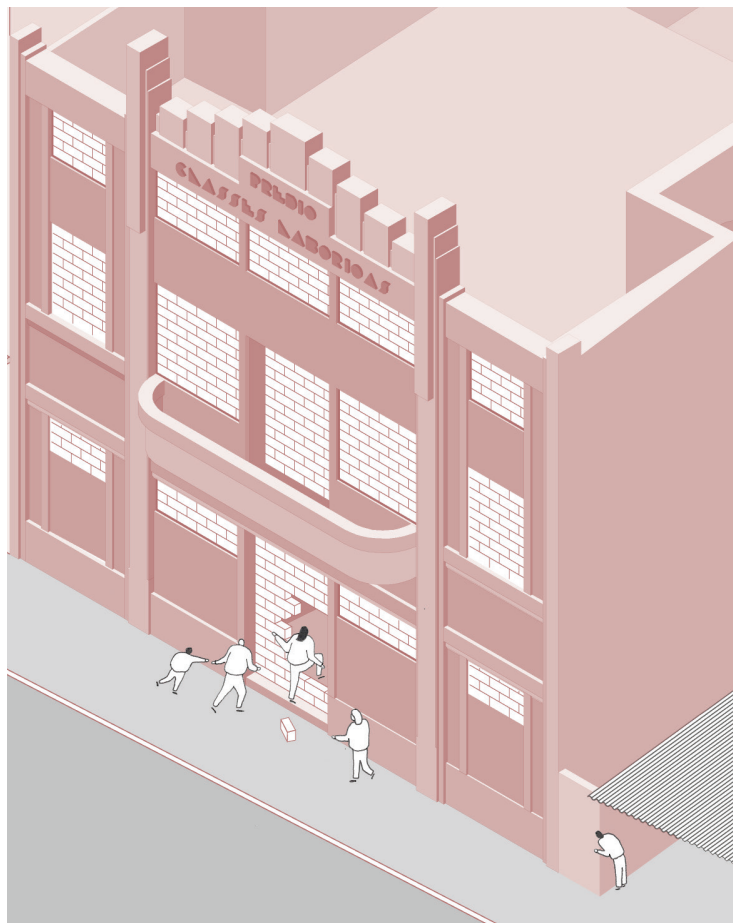
CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁴⁹ 1975, p. 135.

Este trabalho busca formas de encarar a arquitetura naquilo que ela tem de capacidade transformadora, sem, entretanto, restringí-la a isso. O estudo focado no edifício das Classes Laboriosas possibilitou a visualização de algumas dessas mudanças práticas. Mesmo que não tenha sido possível representar todas as dimensões temporais do edifício, este trabalho pretende contribuir para uma percepção dessas características adaptativas da arquitetura, e para uma valorização das formas de apropriação dos espaços pelos usuários.

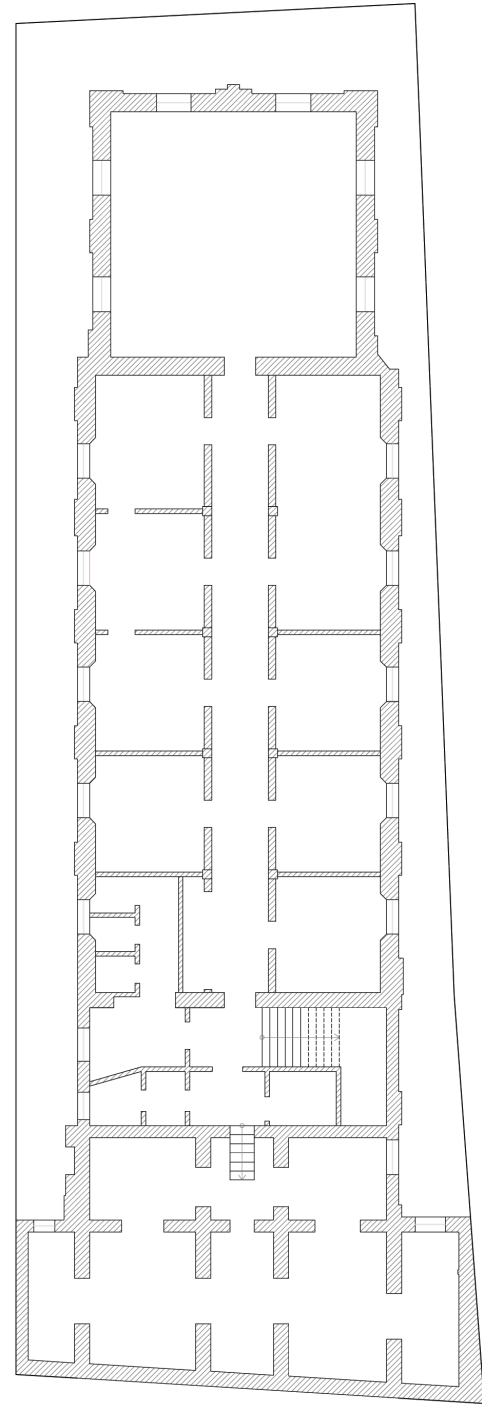
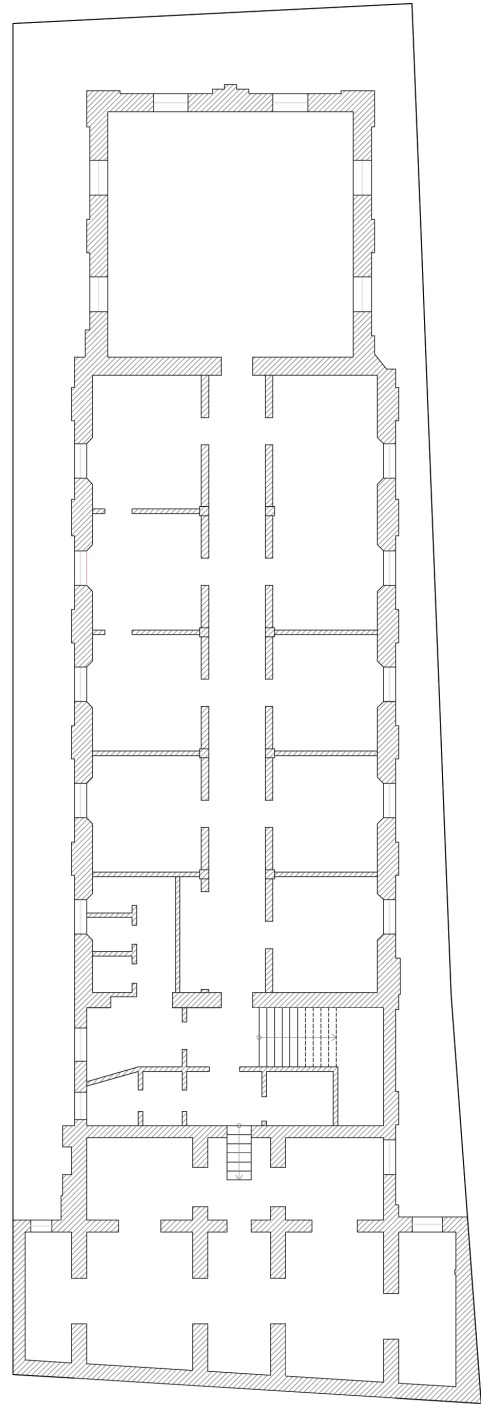
O exercício criativo e investigativo de buscar como os espaços eram constituídos em outros tempos sensibiliza para a temporalidade da arquitetura. Nas palavras de Lynch: “Nossa responsabilidade maior acerca do futuro não consiste em coagí-lo, mas em atendê-lo: em conservar nossos recursos fundamentais, criar e manter abertas possibilidades desejáveis, e conservar nossa capacidade para responder à mudança no presente.”⁴⁹

Em um contexto no qual, frequentemente, a representação da arquitetura busca antecipar com exatidão uma realidade futura almejada, a consciência da constante mudança desconstrói esses significados cristalizados sobre o que é projetar e sua relação com os usos possíveis da construção. O centro de São Paulo e seus edifícios em vacância, estruturas negligenciadas que caíram em um desuso difícil de ser solucionado, apontam os limites dessa forma de conceber a arquitetura, apesar da complexidade dessa questão ser maior do que a disciplina em si. A possibilidade de pensar a renovação e transformação desses espaços exige uma visão da arquitetura mais aberta às mudanças e sensível ao existente.



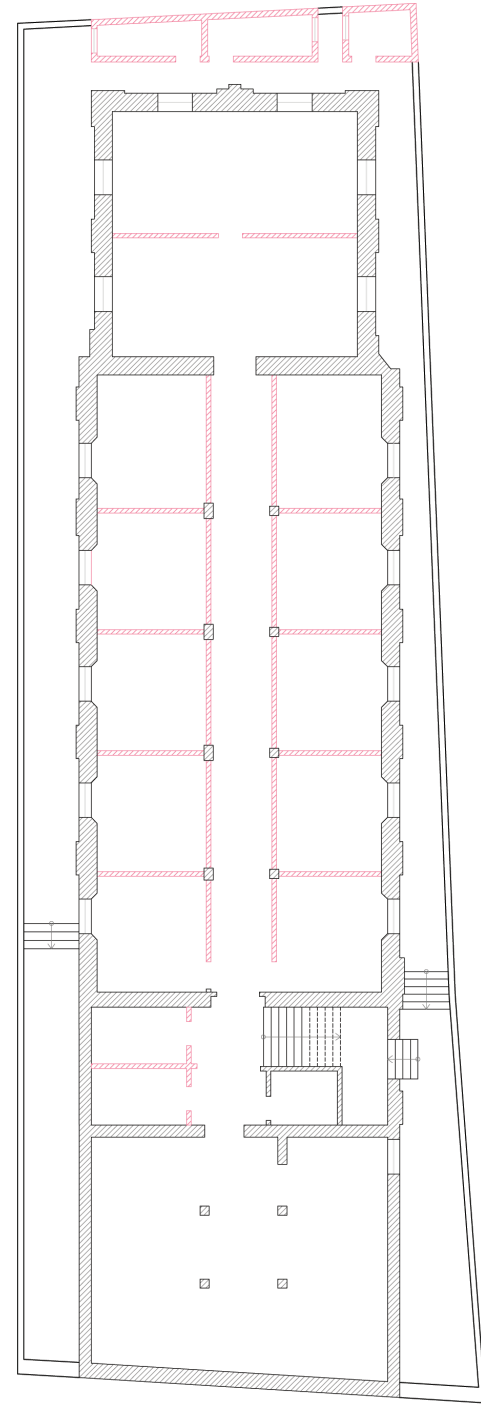
APÊNDICE

A partir dos arquivos originais do edifício da Associação das Classes Laboriosas, foram realizados desenhos vetorizados das plantas anteriores à reforma de 1936, posteriores à reforma e do levantamento realizado em 2008 após o incêndio. Só então foi possível gerar o modelo virtual e as cenas das diferentes fases do edifício. O redesenho das plantas foi parte fundamental na compreensão das transformações ocorridas no edifício, e está representado nas páginas seguintes.



0 1 5 ←

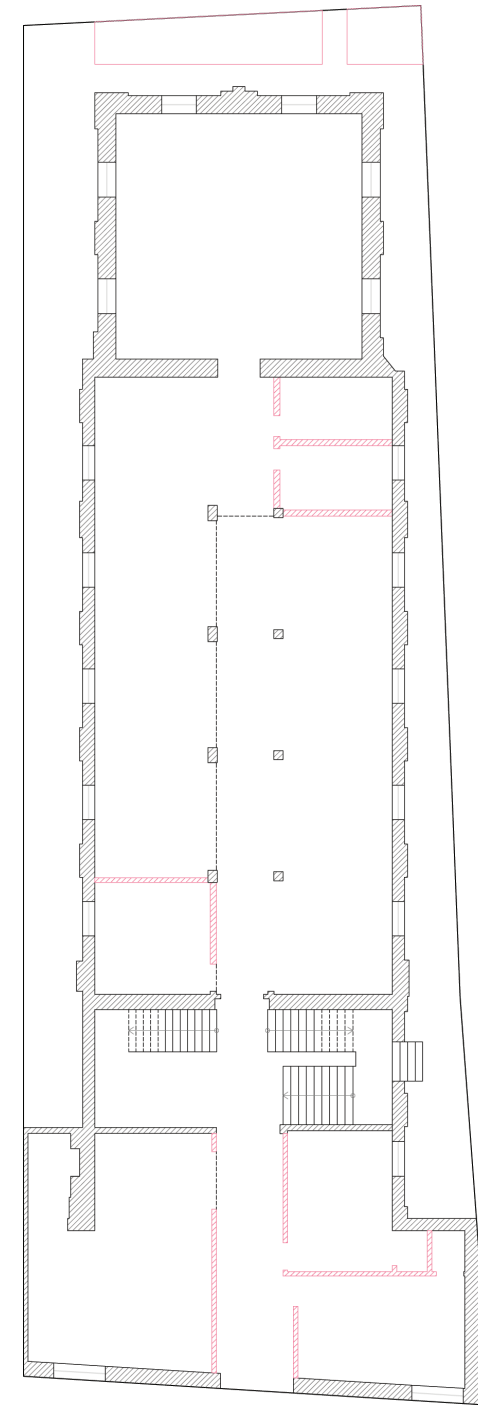
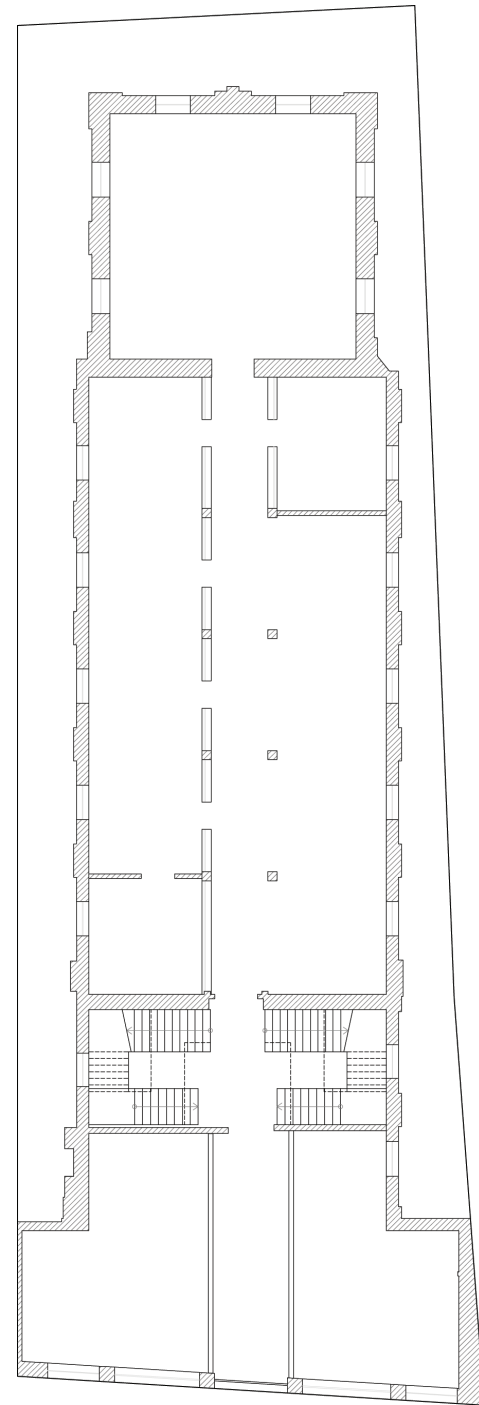
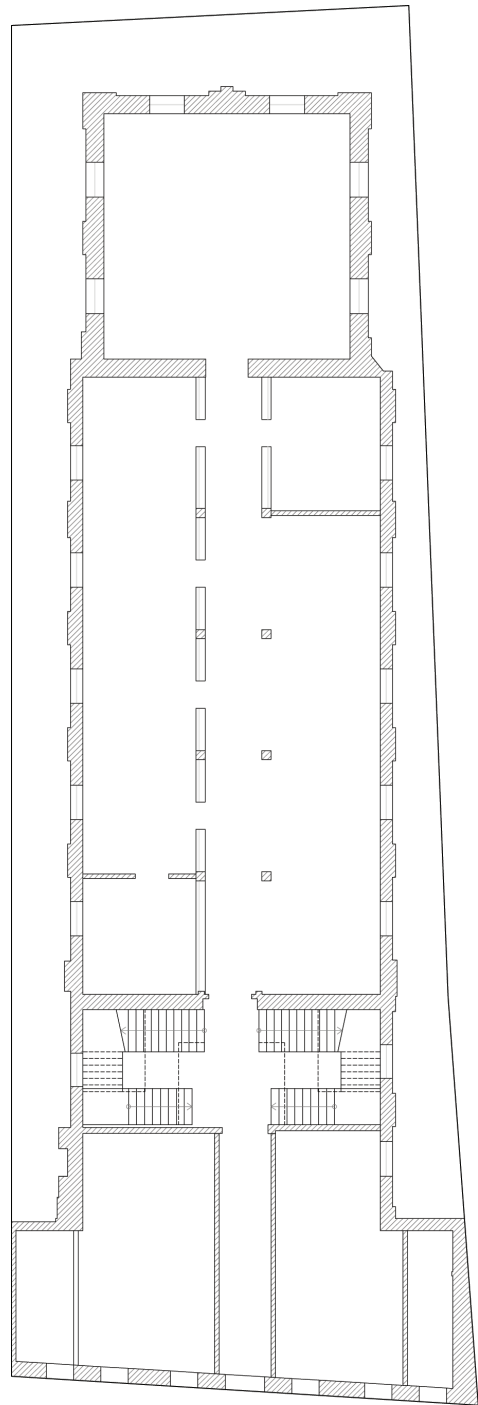
Subsolo:
anterior a 1936 / após
1936



0 1 5 ←

Indicação de demolição
pelo levantamento.

Subsolo:
levantamento de 2008



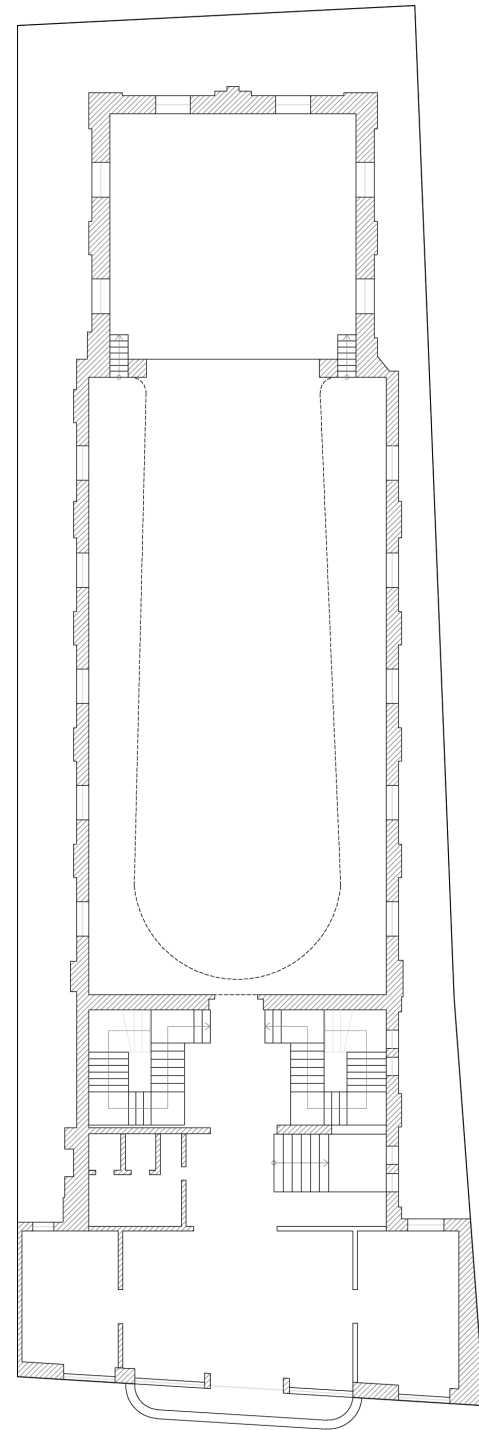
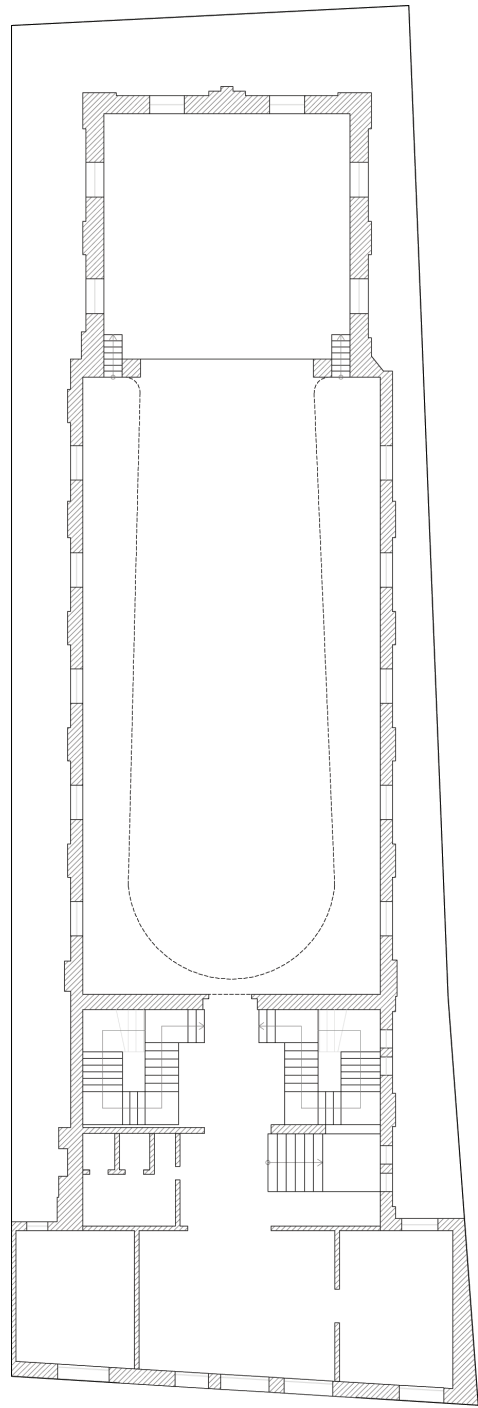
0 1 5 ←

Térreo:
anterior a 1936 / após
1936

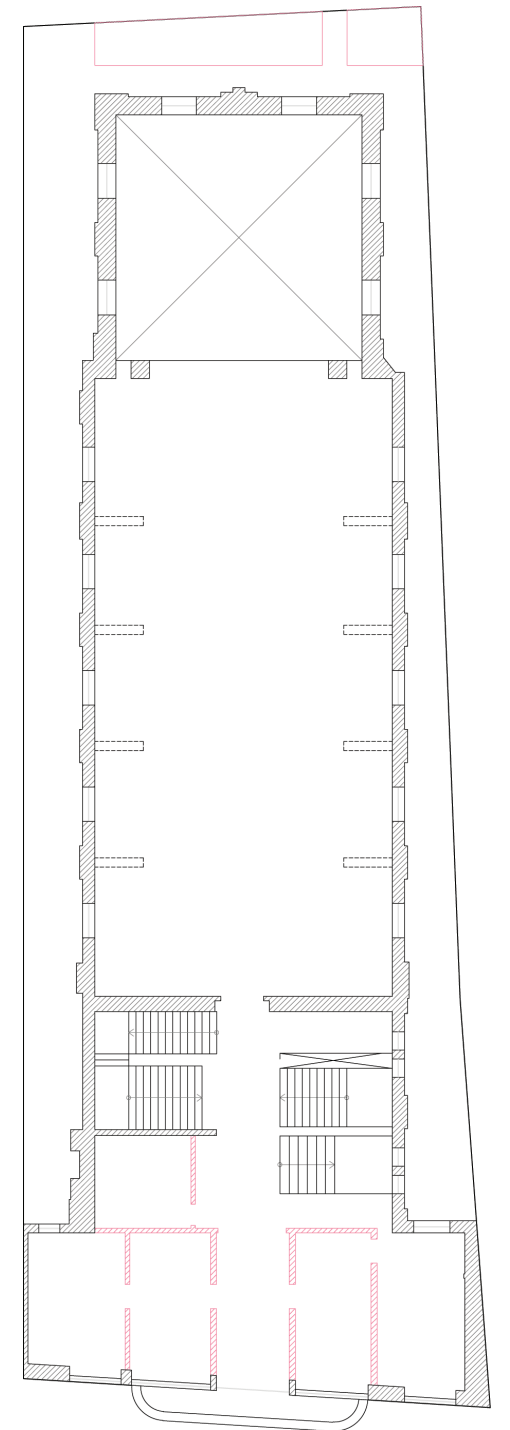
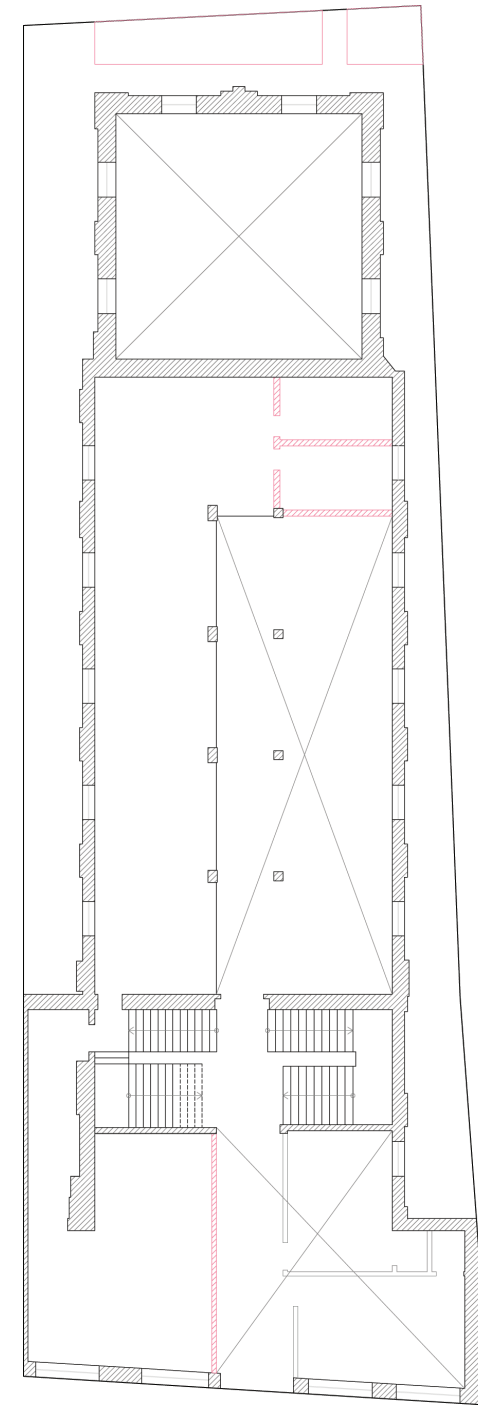
0 1 5 ←

Indicação de demolição
pelo levantamento.

Térreo:
levantamento de 2008

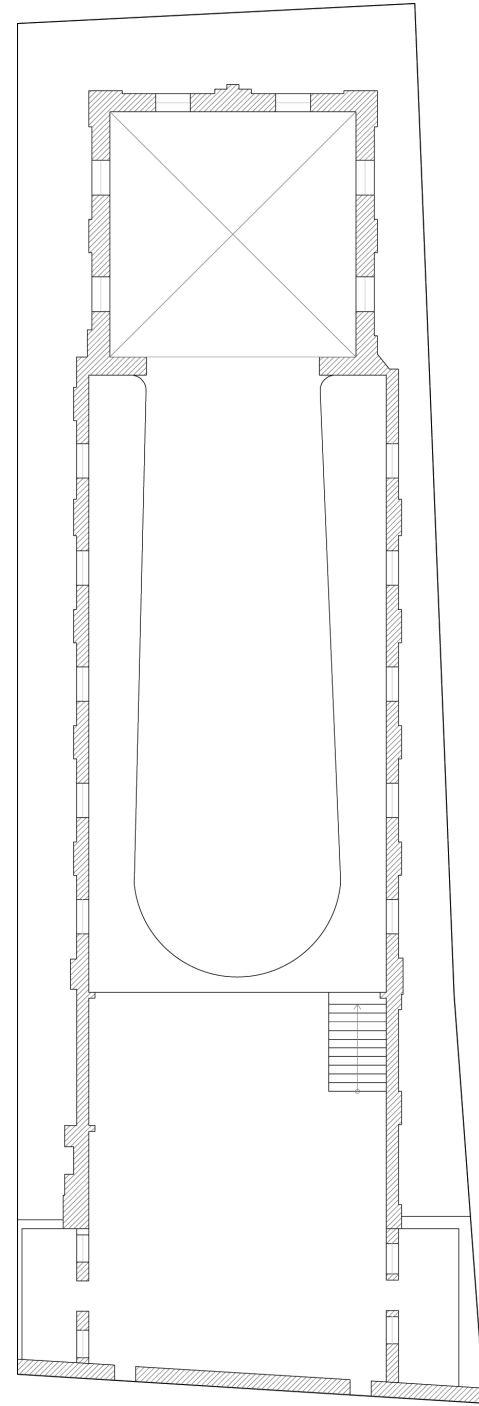
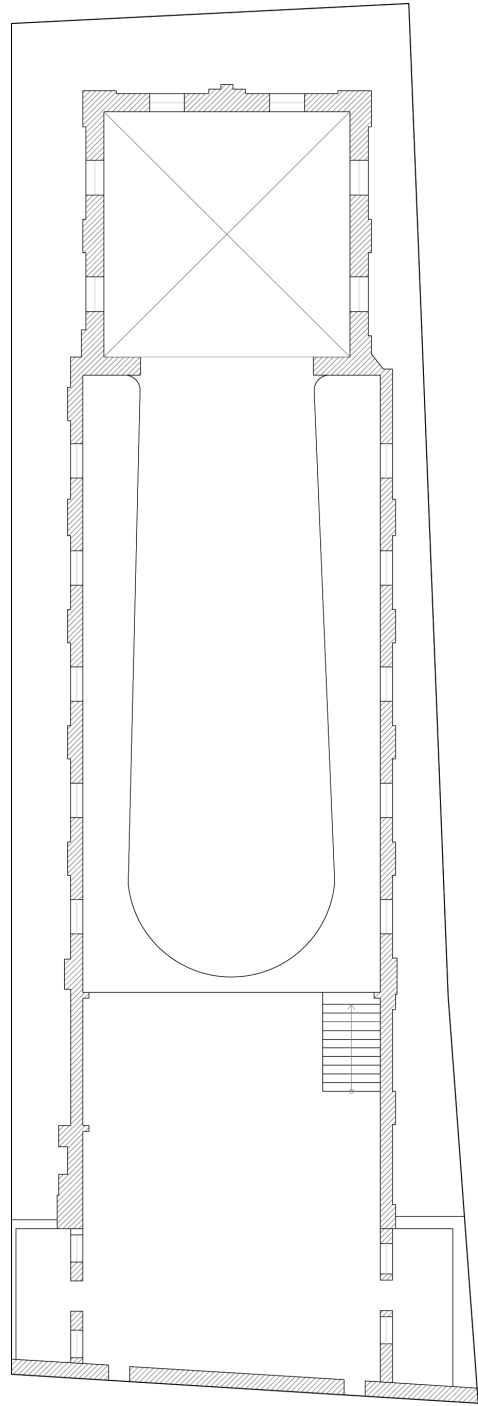


Primeiro pavimento:
anterior a 1936 / após
1936



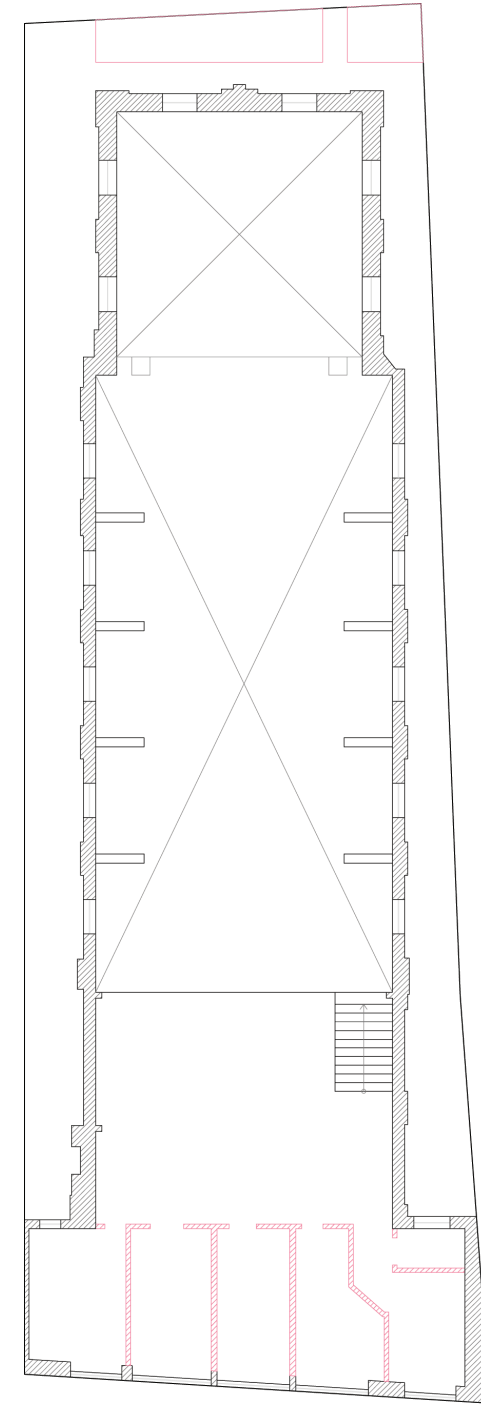
Indicação de demolição
pelo levantamento.

Mezanino / Primeiro
pavimento:
levantamento de 2008



0 1 5 ←

Segundo pavimento:
anterior a 1936 / após
1936



0 1 5 ←

Indicação de demolição
pelo levantamento.

Segundo pavimento:
levantamento de 2008

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Eneida de. *Arquitetura e Memória*. Revista da Pós da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, v. 22, n° 38. p. 58-77. São Paulo, dez. 2015.

AVELINO, Yvone Dias. *A criação da Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas no Processo da Imigração Portuguesa em São Paulo*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. São Paulo, 2011.

BOMFIM, Valéria Cusinato. *Os espaços edificados vazios na área central da cidade de São Paulo e a dinâmica urbana*. Dissertação de mestrado, Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 2004.

BRAND, Stewart. *How Buildings Learn: What happens after they're built*. Nova Iorque: Penguin Books, 1994.

DE JONGE, Wessel; KUIPERS, Marieke. *Designing from Heritage: Strategies for Conservation and Conversion*. Delft: TU Delft, 2017.

DEVECCHI, Alejandra Maria. *Reformar não é construir*. Tese de doutorado pela FAUUSP, 2010.

DRUOT, Frédéric; LACATON, Anne; VASSAL, Jean-Philippe. *Plus - La vivienda colectiva territorio de excepción*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2007.

FURTADO, Martim Ferraz Costa. *Parcelamento, Edificação e Utilização Compulsória: características de imóveis notificados na área central de São Paulo e a viabilidade de conversão para HIS*. Iniciação Científica pela FAUUSP, 2018.

GRINOVER, Marina; RUBINO, Silvana. *Lina por escrito: textos escolhidos de Lina Bo Bardi*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

HERTZBERGER, Herman. *Lições de arquitetura*. Martins Fontes. São Paulo, 1999.

INSTITUT FRANÇAIS. *Lieux Infinis / Infinite Places: constructing buildings or places?* Encore Heureux, 2018.

KOOLHAAS, Rem. *Preservation is Overtaking Us*. Columbia GSAPP Transcripts. Nova Iorque: GSAPP Books, 2014.

KÜHL, Beatriz Mugayar. *O tratamento das superfícies arquitetônicas como problema teórico da restauração*. Anais do Museu Paulista, N. Sér. v.12, p. 309-330. São Paulo, jan/dez. 2004.

LYNCH, Kevin. *¿De qué tiempo es este lugar? Para una nueva definición del ambiente*. Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 1975.

MCGUIRE, Richard. *Aqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

MICRÓPOLIS, Coletivo. *99 idéias para um cinema de rua*. Belo Horizonte, 2018.

MÜLLER, Jörg. *The changing city*. Atheneum Publishers, 1977.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. *Plano Municipal de Habitação de São Paulo*. Projeto de Lei nº 619/16. São Paulo, 2016.

RIBEIRO, Amanda. Em HQ 'Aqui', Richard McGuire narra história não linear do mundo. Folha de S. Paulo, São Paulo, 02 out. 2017. Seção Ilustrada. Disponível em <<https://bit.ly/2zvJHDF>>. Acesso em 26 nov. 2018.

STEVENS, Jeroen. *São Paulo Ocupada*. Copenhagen, 2016.

STUDIO X RIO; Columbia GSAPP. *Tablóide Lutar, Ocupar, Resistir: as alternativas habitacionais dos movimentos sociais*. 2017

SUBIRATS, Eduardo. *La escritura de la ciudad (writing and cities)*. Vitruvius. Disponível em <<https://bit.ly/2DU88xu>>. Acesso em: 02 de dez. 2018.

TORRES, Sophia. *IPTU Progressivo in São Paulo: the potentials and limits of urban legislation*. Sciences Po, Paris, 2016.

TSUKUMO, Isadora Tami Lemos. *Habitação social no centro de São Paulo: legislação, produção, discurso*. Dissertação de mestrado pela FAUUSP, 2007.

YOLLE NETO, José. *Diretrizes para o estudo de viabilidade da reabilitação de edifícios antigos na região central de São Paulo visando a produção de HIS*. Dissertação de mestrado pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 2006.

Reportagens:

HIDALGO, Anne. In: SESC São Paulo. *Anne Hidalgo, prefeita de Paris, fala sobre o Sesc em São Paulo*. 2015. Disponível em <<https://bit.ly/2Qr8677>>. Acesso em: 02 de dez. 2018.

LE FIGARO. *J. M Gonçalves nommé directeur du 104*. Actualité. Disponível em: <<https://bit.ly/2Qs5bef>>. Acesso em: 02 de dez. 2018.

MARTINS, José de Souza. *O incêndio do Auditório das Classes Laboriosas*. Caderno Cidades/Metrópole, p. 8. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 04 fev. 2008.

REINA, Eduardo; ZANCHETTA, Diego. *Incêncio destrói prédio histórico*. Caderno Cidades/Metrópole, p. 7. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 10 fev. 2008.

TEIXEIRA, Regiane. *Centro de São Paulo tem dezenas de prédios vazios*. Disponível em: <<https://bit.ly/2RgEFSt>>. Acesso em 26 nov. 2018.

Sites acessados:

cadmapper.com

lacatonevassal.com

saopauloantiga.com.br

vilaitororo.org.br

vitruvius.com.br

Tipografias: Maison Neue e Suisse Neue

Papel: Alta alvura 120g/m²

Impressão: Inprima

Encadernação: Encadernadora Duarte

Dezembro de 2018